

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

ALINE MACÊDO ROCHA RODRIGUES

**OS SENTIDOS DA EXPERIMENTAÇÃO SENSORIAL PARA
A FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS:**

Apontamentos de uma graduação em Terapia Ocupacional.

RIO DE JANEIRO/RJ

2017

ALINE MACÊDO ROCHA RODRIGUES

**OS SENTIDOS DA EXPERIMENTAÇÃO SENSORIAL PARA
A FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS:**

Apontamentos de uma graduação em Terapia Ocupacional.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Terapia Ocupacional.

Orientador: Ms. Lisete Ribeiro Vaz.

Coorientador: T.O Camilla Figueiredo da Costa Malheiro.

RIO DE JANEIRO/RJ

2017

ALINE MACÊDO ROCHA RODRIGUES

**OS SENTIDOS DA EXPERIMENTAÇÃO SENSORIAL PARA
A FORMAÇÃO DE TERAPEUTAS OCUPACIONAIS:**

Apontamentos de uma graduação em Terapia Ocupacional.

Monografia apresentada ao Departamento de
Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como
requisito para obtenção do grau de bacharel em
Terapia Ocupacional.

APROVADO EM: ____ / 12 / 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Mestre Lisete Ribeiro Vaz – Orientadora

Faculdade de Medicina – Departamento de Terapia Ocupacional – UFRJ

Camilla Figueiredo da Costa Malheiro - Coorientadora

Terapeuta ocupacional

Abmael de Sousa Alves - Membro da Banca

Terapeuta ocupacional

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que de uma forma especial dotou cada ser humano de sentidos sensoriais, que nos fazem conhecer e ser conhecidos; à minha família por todo suporte e apoio, sem o qual eu não teria conseguido chegar até aqui; à professora Ms. Lisete Ribeiro Vaz, que compartilhou comigo seus conhecimentos e me permitiu trilhar pelo caminho dos afetos; a cada aluno que cursou a disciplina de Laboratório "A" nos períodos em que estive como monitora, por partilhar suas afetações e experiências, por me fazer crescer com suas histórias de vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pois, “todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e sem ele, nada do que foi feito se fez” (JOÃO 1.3). Por me sustentar e me fortalecer a cada dia, por ser meu socorro sempre presente, pela constante alegria de viver, mesmo nos momentos mais difíceis; por tudo o que tens feito e irá fazer. “Porque dele e por ele, e para ele, são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém” (ROMANOS 11.36).

A minha família, minha base:

Ao meu esposo Robson, por ser amigo, companheiro, cúmplice, por estar sempre comigo, me apoiando, orientando; ajudando-me com os afazeres domésticos (rsrs). Obrigada pelas muitas jantas que você fez, por arrumar a casa enquanto eu estava estudando, por compreender a minha ausência; por ser um pai presente para o nosso filho, pelo homem de Deus que você é. Você me completa, verdadeiramente somos um. Eu te amo!

Ao meu filho Samuel, você é um presente de Deus em minha vida! Obrigada por ser um filho que torna tudo mais fácil; por compreender a minha ausência nos momentos que estava estudando, por ser obediente; estudioso, por sermos companheiros, por sempre conversarmos. Mamãe te ama!

A minha querida mãe Leomar (em memória), pela criação e ensinamentos, por ter sido um exemplo de mãe, de pessoa a quem se deseja imitar, por me ensinar a olhar os outros com amor e respeitar as possibilidades de cada um; por me fazer conhecer a Cristo, autor e consumidor da minha fé. Sempre irei te amar incondicionalmente.

Ao meu pai Edno, pelos ensinamentos, por, em todos os momentos, ter se esforçado para me dar o melhor; por ser aquele com quem sempre posso contar, pelos conselhos e pelas inúmeras ajudas com o Samuel. Eu te amo!

A minha querida MÃEdrasta Lucinha, Sem você certamente eu não estaria me formando, tudo só foi possível porque você se empenhou e me ajudou, porque por muitas vezes você deixou a sua vida para cuidar do Samuel para mim; obrigada por cada abdicação e carinho, obrigada por ser uma mãe e não uma madrasta, pela vô

que você é para o meu filho; pelas nossas muitas conversas (afinal, de tanto me ouvir, você já é quase uma terapeuta ocupacional, rrsrs). Obrigada por tudo. Eu te amo!

A minha irmã Carol, obrigada pela ajuda com o sobrinho, por ler o meu trabalho me dando o seu *feedback* e por ser meu “uber” particular (rrsrs). Te amo!

Ao meu irmão Anderson, por fazer parte da minha história de vida. Te amo!

A todos os meus familiares que de alguma forma são inspiração para mim. Amo vocês!

A querida professora Lisete, minha orientadora; por compartilhar comigo experiências e ensinamentos enriquecedores, enquanto estive como monitora da disciplina de Laboratório “A” e até hoje. Por me permitir escrever sobre esta tão enriquecedora disciplina; por aceitar viajar comigo pelos sentidos do corpo, por essa afetação e sensibilidade. Pela confiança em mim depositada, pelo carinho, pela amizade, pela sua doçura e por tornar leve esse momento de escrita. Minha sempre mestra.

A terapeuta ocupacional Camila, por ter aceitado o me coorientar, mesmo quando ainda não nos conhecíamos; por me desafiar a escrever de forma mais explícita, por dispor do seu tempo, dos seus sábados e também por contribuir para que esse momento fosse leve e construtivo. Você fez tudo ser mais fácil.

Ao terapeuta ocupacional Abmael, que todos os sábados nos recebeu em sua “casa” (rrsrs), sempre com um maravilhoso café da manhã (mesmo dizendo que não sabia fazer café). Acho que foi leve, porque a sua recepção me contagiou e possibilitou um momento rico de descontração e conversas, mesmo quando estas eram em torno do TCC. Obrigada por aceitar ser a minha Banca, pela sua hospitalidade e sensibilidade.

Aos colegas Maria Alice, Louise, Luã, Katherine, por aceitarem o desafio de estarmos todos os sábados juntos.

As amigas: Bia, em especial, pela nossa amizade desde início da faculdade, pelos momentos de passamos juntas na IC, pelo apoio nos estudos, pelas conversas, pelos trabalhos que apresentamos juntas, pelos muitos momentos de diversão, por

ser companheira em todas as horas. A Jaque, Angela, Ana, Jhenifer, Letícia, porque aprendi muito com cada uma, pelos momentos divertidos, pelos congressos e pelas apresentações de trabalho. Por fazerem parte dessa jornada, que não foi fácil, mas conseguimos, Vamos nos formar!!!! Uhuuuuuuu!!! *Esse é só o começo de uma linda jornada...*

A Dona Dulce, secretária do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, sempre disposta a nos ajudar e resolver os nossos problemas. Você é uma joia preciosa para o nosso curso.

A todos os professores, técnicos, mestres e doutores do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ, pelo empenho e contribuição de cada um para que o curso se construa de uma forma significativa para cada graduando e futuro terapeuta ocupacional.

Aos preceptores de estágio: Vanessa, Jaque, Alan, Flávia, Vera Lobato e toda equipe da Cooperativa da Praia Vermelha e a minha companheira de compras Inesita, meu amor! A Nayara, Maria Regina e Márcia, pelos ensinamentos e orientações, por se colocarem como exemplos de terapeutas ocupacionais que fazem, com sua prática, um diferencial no serviço público.

Aos meus pastores Cristiano e Marcele Carvalho, pelas palavras edificantes vindas do altar, a vida de vocês me inspira a ser melhor a cada dia; aos pastores Felipe e Marcela Resende, por compreender a minha ausência e a do Robson como professores da classe de casais; aos amigos pelas orações e por de alguma forma contribuírem para o meu crescimento como pessoa.

Ao Dc. Júlio e Dca. Sônia pelas palavras, orações, e por compreender meu afastamento para poder me dedicar à escrita deste trabalho.

Amor, venha desfrutar as 7 maravilhas do mundo!

O Tá Pirando, Pirado, Pirou;

Chegou para apresentar

A filosofia do prazer

De sentir e experimentar [...]

Não perca nem mais um segundo

Amor venha desfrutar

As 7 maravilhas do mundo!

Eu quero ver, ouvir, provar;

Me esbaldar, respirar ar puro!

Vem amar, sentir e rir, gargalhar,

Nos Jardins de Epicuro! [...]

(CAVACO, VALKI, FATINHA, 2011).

RESUMO

RODRIGUES, A. M. R. **Os sentidos da experimentação sensorial para a formação de terapeutas ocupacionais:** Apontamentos de uma graduação em Terapia Ocupacional. Monografia (graduação em Terapia Ocupacional). Faculdade de Medicina, Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

O trabalho desenvolvido propôs-se a descrever e considerar sobre o uso das experimentações sensoriais na disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A, do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e como estas podem levar o aluno a refletir sobre sua formação em Terapia Ocupacional. Para chegar a este objetivo foi feita uma pesquisa documental englobando a história inicial da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro; a criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional até a disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A, na qual ocorreram as experimentações sensoriais. Utilizaram-se como disparadores cinco sentidos do corpo humano, separados por sessões classificadas como: experimentação gustativa, experimentação tátil, experimentação olfativa, experimentação auditiva, e experimentação visual. Para cada aula, uma sessão de experimentação, onde os alunos foram levados a se perceberem, a conhecerem o seu próprio corpo, suas limitações e possibilidades, refletindo sobre singularidade, o outro, o ambiente ao seu redor e, desta forma, realizando proposições para uma futura prática clínica em Terapia Ocupacional.

Palavras-chave: Afeto. Percepção. Terapia Ocupacional. Terapeutas ocupacionais.

ABSTRACT

The purpose of the study was to describe and consider the use of sensory experiments in the Occupational Therapy Laboratory A course of the Undergraduate Course in Occupational Therapy of the Federal University of Rio de Janeiro and how these can lead the student to reflect on Occupational Therapy. In order to reach this objective, a documentary research was carried out, including the initial history of the University of Brazil, the current Federal University of Rio de Janeiro; the creation of the Undergraduate Course in Occupational Therapy to the discipline of Occupational Therapy Laboratory A, in which the sensory experiments occurred. Five senses of the human body were used as triggers, separated by sessions classified as: taste experimentation, tactile experimentation, olfactory experimentation, auditory experimentation, and visual experimentation. For each class, a session of experimentation, where the students were led to perceive themselves, to know their own body, their limitations and possibilities, reflecting on singularity, the other, the environment around them and, thus, making propositions for a future clinical practice in Occupational Therapy.

Keywords: Affection. Perception. Occupational therapy. Occupational therapists.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Aprovação da Criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ.	22
Figura 2 - Aprovação pela WFOT.	24
Figura 3 - Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, primeiro período.	24
Figura 4 - Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, segundo período.	24
Figura 5 - Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, terceiro período.	25
Figura 6 - Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, quarto período.	25
Figura 7 - Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, quinto período.	25
Figura 8 - Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, sexto período.	25
Figura 9 - Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, sétimo período.	26
Figura 10 - Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, oitavo período.	26
Figura 11 - Eixos Temáticos da disciplina de Laboratório "A" 2015.1.	32
Figura 12 - Eixos Temáticos da disciplina de Laboratório "A" 2015.2.	33
Figura 13 - Referências Complementares da disciplina de Laboratório "A" 2016.1.	34
Figura 14 - Referências Complementares da disciplina de Laboratório "A" 2016.2.	34
Figura 15 - Salto da Garrocha – Francisco Goya (1815).	54

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Quadro Histórico da disciplina de Laboratório "A".

32

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEG – Conselho de Ensino de Graduação.

CONSUNI – Conselho Universitário.

CREFITO – Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional.

DCN – Diretriz Curricular Nacional.

DOU – Diário Oficial da União.

IPPMG – Instituto de Pediatria e Puericultura Martagão Gesteira.

MAR – Museu de Arte do Rio.

MEC – Ministério da Educação e Cultura.

PPP – Plano Político Pedagógico.

SIGA – Sistema Integrado de Gestão Acadêmica.

WFOT – World Federation of Occupational Therapists (Federação Mundial de Terapia Ocupacional, 'tradução nossa').

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	15
2 OBJETIVOS	18
2.1 OBJETIVO GERAL.....	18
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
3 METODOLOGIA	19
4 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ): BREVE HISTÓRICO.	21
4.1 A GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ).....	22
5 A DISCIPLINA LABORATÓRIO DE TERAPIA OCUPACIONAL A	27
5.1 DA MONITORIA EM LABORATÓRIO DE TERAPIA OCUPACIONAL A.....	28
5.1.1 Do Programa de Monitoria.....	28
5.1.2 Do Exercício da monitoria em Laboratório de Terapia Ocupacional A.....	29
6 APONTAMENTOS SOBRE EXPERIMENTAÇÃO SENSORIAL: paladar, tato, olfato, audição e visão	36
6.1 SESSÃO DE EXPERIMENTAÇÃO GUSTATIVA.....	41
6.2 SESSÃO DE EXPERIMENTAÇÃO TÁTIL.....	44
6.3 SESSÃO DE EXPERIMENTAÇÃO OLFATIVA.....	47
6.4 SESSÃO DE EXPERIMENTAÇÃO AUDITIVA.....	49
6.5 SESSÃO DE EXPERIMENTAÇÃO VISUAL.....	53
7 RESULTADOS E DISCUSSÃO	59
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
REFERENCIAS	64
APÊNDICES	71
ANEXOS	75

1 INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Sentimentos Inclassificáveis

Sorrir com os olhos, falar pelos cotovelos, meter os pés pelas mãos. Em mim, a anatomia não faz o menor sentido. Sou do tipo que lê um toque, que observa com o coração e caminha com os pés da imaginação. Multiplico meus cinco sentidos por milhares e me proponho a descobrir todos os dias novas formas de sentir.

Quero o cheiro da felicidade, o gosto da saudade, o olhar do novo, a voz da razão e o toque da ternura. Luto contra o óbvio, porque sei que dentro de mim há um infinito de possibilidades [...]

(GAONA *apud* SIMÕES, 2017).

Este Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) tem como tema: A Experimentação Sensorial na Graduação em Terapia Ocupacional, abordando como problemática o impacto das experimentações sensoriais propostas na disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A para a formação do estudante de graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ.

Para isto farei apontamentos referentes a um percurso na graduação, pessoal e documental, englobando recortes desde a criação da UFRJ, visto que sem a sua criação nada do que vivi e aprendi neste lugar teria sido possível, passando pela constituição do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional e àquilo que contribuiu significativamente para a minha formação: a monitoria na disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A, na qual estive por dois anos (metade da minha graduação), incluindo o que considero ser o ápice do aprendizado nesta disciplina: as experimentações sensoriais.

As experimentações sensoriais utilizadas de uma forma didática engrandecedora na disciplina enriqueceram a forma de aprendizado, compartilhamentos e trocas, possibilitando algumas vivências da Terapia Ocupacional, como o afetar e ser afetado, o perceber o outro e me atentar para a singularidade de cada ser humano e suas inúmeras possibilidades, me preparando para uma futura prática clínica em Terapia Ocupacional.

No quarto capítulo apresento brevemente a Universidade do Brasil e o seu percurso documental até chegar ao nome atual Universidade Federal do Rio de Janeiro; ainda dentro deste capítulo discorro sobre a criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional na Faculdade de Medicina.

No quinto capítulo adentro a disciplina do curso que me levou a vivenciar na prática os primeiros conceitos e fundamentos da Terapia Ocupacional: A disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A, chegando à trajetória de uma monitoria. Primeiramente relato sobre o Programa e o acesso ao mesmo até à aprovação e exercício da monitoria por dois anos consecutivos, o que contribuiu imensamente para minha formação e me despertou o interesse por uma futura carreira docente (conforme o objetivo deste Programa, exposto no próprio Edital de Monitoria).

No sexto capítulo, ao qual me referi como ápice deste trabalho, desejo manifestar o interesse e transmitir o entusiasmo que senti ao vivenciar as infinitas possibilidades das experimentações sensoriais.

Em um primeiro momento faço um pequeno apontamento geral sobre as experimentações sensoriais e os sentidos abordados na disciplina, sendo estes: paladar, tato, olfato, audição e visão.

Nos subcapítulos descrevo como ocorre cada experimentação sensorial, separadas pelos sentidos já citados, aos quais denominei como “sessão”.

Dispondo sobre o experimentar e refletir conforme a proposta da disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A: o paladar e como este pode trazer sentimentos, emoções; refletir o toque que agrada ou não, o toque que dá prazer, ou que causa diversas outras sensações; pensar ou lembrar o cheiro que agrada ou não, ou que leva a outros lugares ou pessoas (quem nunca sentiu um cheiro e associou a um lugar ou a alguém?); da mesma forma com a audição: experimentar ouvir o silêncio e os sons que nele se reproduzem; perceber o som que agrada ou que deixa agitado; por último: o olhar e não somente ver, perceber como está o dia, se está sol ou nublado, se há flores nas árvores ou pássaros voando, perceber as pessoas, os corpos, os semblantes.

Desta forma apresento este trabalho, destacando que no sexto capítulo em alguns momentos utilizarei o tempo verbal no passado e em outros momentos no

presente por encontrar dificuldade em me dissociar das experimentações, pois, para mim todas ainda são muito vivas e possuem um extremo significado.

Por último, no capítulo sete dialogo sobre os resultados e discussões sobre este percurso na graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ, terminando assim com as considerações finais, no capítulo oito.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Descrever e considerar sobre o uso das experimentações sensoriais e como estas pode levar o aluno a refletir sobre a sua formação em Terapia Ocupacional.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Levantar documentação que situe a História inicial do nome da Universidade Federal do Rio de Janeiro e a criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional.

Descrever a disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A e o exercício da monitoria.

Apontar a utilização das experimentações sensoriais como disparadoras para a reflexão do conhecimento de si, do outro, do ambiente e da Terapia Ocupacional.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa que, conforme Gil (2008, p. 28) “tem como objetivo primordial a descrição de características de determinada população”.

Neste estudo foram apresentados apontamentos sobre a graduação de Terapia Ocupacional da UFRJ; levantada documentação sobre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e também sobre a criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional incluindo a monitoria na disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A, além de descritos sobre as aulas de experimentações sensoriais.

Fizemos um levantamento documental, considerando para fins da pesquisa científica a definição de documentos dada por Gil (2008, p.147) que são “não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno”. Desta forma foram utilizados registros institucionais escritos como: projetos de lei; atas de reuniões; resoluções; relatórios de órgãos governamentais e também documentos pessoais como: diários e memórias, “definindo diário como documentos escritos na ocasião dos acontecimentos” e memória como as “reminiscências do autor relativas a determinado período” (GIL, 2008, p.150).

Para o relato sobre as aulas de experimentações sensoriais consideramos as aulas práticas de Laboratório de Terapia Ocupacional A, que foram separadas por sessões de experimentação sensorial, conforme seu eixo temático, denominadas e descritas da seguinte maneira: sessão de experimentação gustativa, sessão de experimentação tátil, sessão de experimentação olfativa, sessão de experimentação auditiva, sessão de experimentação visual.

Utilizamos como técnica da coleta de dados a observação participante, que de acordo com Gil (2008, p.100) “consiste na participação real do conhecimento na vida da comunidade, do grupo ou de uma situação determinada”, tendo esta assumida um caráter natural, uma vez que pertencíamos ao mesmo grupo que investigávamos (GIL, 2008), porém em outra posição.

As partes referentes aos apontamentos somaram um apanhado dos períodos referentes a 2015.1; 2015.2; 2016.1 e 2016.2 em que estive como monitora da disciplina, registrando cada aula, diálogos e reflexões.

4 A UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ): BREVE HISTÓRICO

A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foi criada em 1920 pelo Decreto nº 14.343 de 7 de setembro do mesmo ano, tendo sido publicada sua criação no Diário Oficial em 10 de setembro de 1920 com o nome de UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO, reunindo a princípio a Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro (BRASIL, 1920).

Com a lei nº 452, de 5 de julho de 1937, a UNIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO passou a UNIVERSIDADE DO BRASIL a qual, de acordo com o art.3º acoplou todos os cursos superiores previstos em lei (BRASIL, 1937), tendo sua autonomia, administrativa financeira, didática e disciplinar, outorgada pelo Decreto lei nº 8.393 de 17 de dezembro de 1945 (BRASIL, 1945).

Em novembro de 1965 passou a denominar-se UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, de acordo com a Lei nº 4831, de 5 de novembro, publicada no Diário Oficial da União – Seção 1 – de 12/11/1965, página 11.609 (BRASIL, 1965).

De acordo com o seu Estatuto atual, Título II – Da estrutura; Capítulo III – Da estrutura Média; Subseção III – Dos Centros e Unidades que os Integram, a UFRJ conta com um total de 6 Centros Universitários instituídos: Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN), Centro de Letras; Centro de Filosofia e Ciências Humanas; Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Centro de Ciências da Saúde (CCS) e Centro Tecnológico (CT), constituindo um total de 30 Unidades Universitárias e 21 Órgãos Suplementares e mais 6 que Integram, no plano pedagógico, a estrutura departamental da Faculdade de Medicina (UFRJ, 2014)

Dentre os Centros Universitários está o Centro de Ciências da Saúde (CCS), constituído por 10 Unidades Universitárias, sendo uma destas a Faculdade de Medicina, onde está inserido o Curso de Graduação em Terapia Ocupacional, no qual discorrerei no capítulo seguinte sobre sua criação e constituição.

4.1 A GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

O curso de graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ teve sua proposta de criação apresentada em 05 de Junho de 2008, na Centésima Nonagésima Sessão do Conselho Universitário (CONSUNI), extraordinária, com 35 Conselheiros presentes, sob o Processo 23079.018124/08-64 – CCS/FM aprovado pelo Conselho de Ensino de Graduação - CEG (UFRJ, 2008).

Em 12 de junho de 2008, na Centésima Nonagésima Primeira Sessão do Conselho Universitário, ordinária, com 39 Conselheiros presentes, foi concedida a palavra à Vice-Presidente do Conselho Regional de Fisioterapia e Terapia Ocupacional, a época: Dra. Cláudia Regina Brás, para que pudesse explanar os motivos da manifestação do CREFITO favorável à criação do curso na UFRJ, sendo explanada a necessidade da UFRJ “abraçar a causa e assumir a responsabilidade social na formação desse profissional” (UFRJ, 2008).

Na Centésima Nonagésima Segunda Sessão do Conselho Universitário, ordinária, realizada em 26 de junho de 2008, com 42 Conselheiros presentes, foi aprovada a criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ, conforme (UFRJ, 2008, p.8):

23079.010215/08-24 – CCS/IESC – Proposta de criação do Curso de Graduação em Saúde Coletiva. Aprovado pelo CEG. A Conselheira ÂNGELA ÂNCORA DA LUZ fez a leitura do parecer da Comissão de Ensino e Títulos favorável à aprovação da criação do curso. Após ampla discussão, os Conselheiros LUIZ CARLOS BAPTISTA e MIRIAM KAIUCA pediram vista do processo. O Magnífico REITOR passou ao item 7 – Proc. 23079.018124/08-64 – CCS/FM – Proposta de criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional. Aprovado pelo CEG. A Conselheira CAROLINA BARRETO fez a leitura do parecer, decorrente do pedido de vista, contrário à criação do curso. Após ampla discussão, o Magnífico REITOR colocou em votação o parecer da Comissão de Ensino e Títulos favorável à criação do curso. Aprovado, com 3 (três) votos contrários. Passou ao item 8 – Proc. 23079.008615/08-70 – CFCH/IFCS – Reestruturação do Curso de Graduação de Licenciatura em Filosofia que passa a ser de responsabilidade do IFCS. Aprovado pelo CEG. Em virtude da ausência do relator, o Conselheiro MARCELO CORRÊA E CASTRO fez a leitura do parecer da Comissão de Ensino e Títulos, favorável à reestruturação do curso. Não

Figura 1: Aprovação da Criação do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ.
Fonte: Ata do CONSUNI (UFRJ, 2008, p. 8).

Tendo sido, portanto, criado na Faculdade de Medicina, no ano de 2008, suas atividades acadêmicas tiveram início no segundo semestre de 2009, em 01/08/2009 (UFRJ/MEDICINA, 2017).

Teve sua resolução autorizada em 20/06/2008 e publicada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 17/07/2008 (BRASIL, 2017).

O Projeto Político Pedagógico (PPP) foi estabelecido de acordo com a Diretriz Curricular Nacional (DCN) e oportuniza desde o primeiro período do curso a:

Uma formação transdisciplinar, humanista, generalista e crítica, e instrumentaliza o profissional para problematizar a complexidade humana e do contexto onde o homem está inserido, seu meio sociocultural e o cenário político-econômico de maneira que suas intervenções estejam sempre respaldadas por compromissos éticos e sociais. Ele estará ligado sobretudo à saúde pública e coletiva, contemplando principalmente as necessidades do Sistema Único de Saúde (SUS) (UFRJ/MEDICINA, 2017).

Preparando o estudante em uma:

Formação teórica prática, tornando os alunos representantes críticos, éticos e ativos da profissão, na sociedade e no próprio meio acadêmico. A sólida formação técnico-científico-artística visa capacitar o futuro terapeuta ocupacional para ações competentes, tornando-o capaz de vislumbrar, nas múltiplas manifestações da atividade e da ocupação humana, os diversos saberes e áreas de conhecimento. (UFRJ/MEDICINA, 2017).

Possui em sua grade um total de 38 disciplinas obrigatórias e 12 disciplinas de escolha condicionada, somando uma carga horária total de 3570 horas, incluídas 1005 horas de estágio curricular e 80 horas de atividades complementares; a duração recomendada é de periodicidade integral em 8 segmentos, podendo chegar ao máximo de 12 (UFRJ/MEDICINA, 2017).

O curso é contemplado por 23 professores efetivos, 2 professores colaboradores, 3 professores substitutos e 6 Terapeutas Ocupacionais (técnicos administrativos em educação), todos concursados e vinculados ao Departamento de Terapia Ocupacional da UFRJ (UFRJ/NOTÍCIAS TO, 2017).

Recebeu reconhecimento de Curso Superior de Graduação (Bacharelado) em fevereiro de 2014, registro e-MEC 201207727 (BRASIL, 2017), tendo sido a Portaria 112 de 14/02/2014, publicada na página 18 da seção 1 do Diário Oficial da União (DOU) de 17 de fevereiro de 2014 (BRASIL, 2017).

Em 2017, o Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ foi aprovado pelo Programa Educacional da World Federation of Occupational Therapists (WFOT). Cumprido suas exigências, sendo reconhecido mundialmente (WFOT, 2017), conforme figura 2:

WFOT | Education | Entry x

education/EntrylevelEducationalProgrammesWFOTApproved.aspx

nicial20+ RN 036325 BUCHA D TCC EAD - COFFITO: Aces Início - Multiresidênc Neurociências e apre

Entry level Educational Programmes WFOT Approved

Search: Select a State/Territory/Province

Brazil

Universidade Federal de São Carlos
Bachelor Degree in Occupational Therapy

Universidade Federal do Paraná
Bachelor Degree in Occupational Therapy

Universidade Federal do Rio de Janeiro
Bachelor Degree in Occupational Therapy

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rua Rodolpho Paulo Rocco s/n , Prédio do Centro de Ciências da Saúde Bloco K sala 17 , Cidade Universitária , Rio de Janeiro/RJ , - CEP:21910-590

Head of Programme: Prof. Dr. Fernanda de Sousa Marinho
Phone : +55 21 3938-6506
Email : coordoufrj@gmail.com
Website : www.medicina.ufrj.br/to

Nature of the qualification awarded: Bachelor Degree in Occupational Therapy

Duration of course: 4 years

Year course commenced: 2009

Year course accredited by the National Association: 2017

Year course last reviewed by National Association:

Year course first/last approved by WFOT: 2017/

Year course next review: 2024

Figura 2: Aprovação pela WFOT.
Fonte: Site da WFOT/EDUCAÇÃO (2017).

Atualmente o curso é composto pelas disciplinas obrigatórias listadas conforme as figuras 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 10, separadas por períodos:

1º Período						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
BMW110	Bases Biológicas para T. O.	18.0	240	60	0	
EFA105	Arte e Movimento	2.0	30	0	0	
FMA111	Fund da Terapia Ocupacional	2.0	30	0	0	
FMA112	Lab de Teoria Ocupacional - A.	2.0	15	30	0	
FMA114	T. O. Antropologia Sociologia	3.0	45	0	0	
FMAX01	Atividades Complementares	0.0	0	80	0	
Total de Créditos		27.0				

Figura 3: Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, primeiro período.
Fonte: Sistema Integrado de Gestão Acadêmica – SIGA (2017).

2º Período						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
BMB220	Fundamentos Física e Biofísica	2.0	15	30	0	
BMW023	Sistema Neurolocomotor	6.0	55	90	0	BMW013 (P)
FMA220	Análise Mov Hum Ati Cotidianas	5.0	60	30	0	BMW110 (P)
FMA221	Lab de Terapia Ocupacional - B	2.0	15	30	0	
FML114	Psicologia Geral	3.0	45	0	0	
FMP222	Patologia Geral T. O.	2.0	15	30	0	BMW110 (P)
FMS111	Saude e Sociedade	2.0	30	0	0	
Total de Créditos		22.0				

Figura 4: Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, segundo período.
Fonte: Sistema Integrado de Gestão Acadêmica – SIGA (2017).

3º Período						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
BMW230	Farmacologia T. O.	2.0	30	0	0	BMW110 (P)
FMA230	Terapia Ocupacional Geral	2.0	30	0	0	
FMA239	Avaliação Terapia Ocupacional	2.0	15	30	0	
FMA240	Recursos Terapêuticos em T. O.	2.0	15	30	0	
FMA247	Análise de Atividades	2.0	15	30	0	
FMA249	Terapia Ocupacional Filosofia	3.0	45	0	0	
FMA250	Adm Plan Gest em To Fisio Fono	2.0	30	0	0	
FMS110	Bioestatística Ft	3.0	30	30	0	
FMS121	Metodologia Científica-FG	2.0	30	0	0	FMS111 (P)
FMS123	Saude Coletiva	4.0	45	30	0	
Total de Créditos		24.0				

Figura 5: Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, terceiro período.
Fonte: Sistema Integrado de Gestão Acadêmica – SIGA (2017).

4º Período						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
FMA251	T. O. na Saúde da Mulher	2.0	30	0	0	
FMA252	T. O. na Saúde da Criança	6.0	75	30	0	
FMA253	Educ Pop Edu In T. O. Fis Fono	4.0	45	30	0	
FMA254	Tecno Assistiva T. O. e Fono	6.0	60	60	0	
FML244	Ética Deontologia e Cidadania	3.0	45	0	0	
Atividades Acadêmicas Optativas		3.0	30	30	0	
Total de Créditos		24.0				

Figura 6: Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, quarto período.
Fonte: Sistema de Integração Acadêmica – SIGA (2017).

5º Período						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
FMA300	T. O. Disfunções Neurológicas	6.0	75	30	0	
FMA301	T. O. Disfunções Trau Ort Reum	4.0	45	30	0	
FMA302	T. O. Disfunções Derma Oncolog	4.0	45	30	0	
FMA303	T. O. no Contexto Hospitalar	2.0	15	30	0	
FMA304	Ergonom Saú Trabalhador T. O.	3.0	30	30	0	
FMA305	T. O. Disfun Cardio - Respirat	2.0	30	0	0	
Atividades Acadêmicas Optativas		2.0	30	0	0	
Total de Créditos		23.0				

Figura 7: Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, quinto período.
Fonte: Sistema de Integração Acadêmica – SIGA (2017).

6º Período						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
FMA306	T. O. Incl Soc e Inst Penais	3.0	30	30	0	
FMA307	T. O. em Saúde Mental	6.0	75	30	0	
FMA308	T. O. em Geriat e Gerontologia	4.0	45	30	0	
FAK01	Trabalho Conclusão Curso T. O.	2.0	30	0	0	
FMAU04	Estágio Superv I (T. O. Edu)	4.0	0	105	0	
Atividades Acadêmicas Optativas		2.0	30	0	0	
Total de Créditos		21.0				

Figura 8: Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, sexto período.
Fonte: Sistema de Integração Acadêmica – SIGA (2017).

7º Período						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
FMAU09	Estágio Superv II (T. O. Dms)	7.0	0	225	0	
FMAU10	Estágio Superv III (T. O. Ah)	7.0	0	225	0	
Total de Créditos		14.0				

Figura 9: Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, sétimo período.
Fonte: Sistema de Integração Acadêmica – SIGA (2017).

8º Período						
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática/Extensão			Requisitos
FMAU11	Estágio Superv IV (T. O. Smgs)	7.0	0	225	0	
FMAU13	Estágio Superv V (T. O. Geral)	7.0	0	225	0	
Total de Créditos		14.0				

Figura 10: Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional, oitavo período.
Fonte: Sistema de Integração Acadêmica – SIGA (2017).

A organização curricular do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional segue a Resolução CEG 02/2003 aprovada em sessão realizada em 12 de março de 2003 que versa sobre as Normas Básicas para formulação do Projeto Pedagógico e organização curricular dos cursos de graduação da UFRJ.

Dentre todos os períodos apresentados destacamos a grade do primeiro período (figura 3), onde consta a disciplina Laboratório de Terapia Ocupacional A, sobre a qual nos deteremos neste Trabalho.

O primeiro período possui um total 27 créditos, 80 horas de atividades complementares (que são cumpridas no decorrer de todo curso) mais 450 horas das quais, 150 horas, isto é 33,33 %, são dedicadas às disciplinas específicas de Terapia Ocupacional e 300 horas, ou seja, 66,66 % dedicadas a Bases Biológicas.

Observa-se que, entre as disciplinas voltadas especificamente à Terapia Ocupacional, Laboratório de Terapia Ocupacional A é a única do primeiro período que possui 30 horas (do total de 450 horas do primeiro período) dedicadas exclusivamente a atividades práticas, desta forma, destaco a seguir a disciplina, sua composição e organização.

5 A DISCIPLINA LABORATÓRIO DE TERAPIA OCUPACIONAL A

No primeiro período do curso de graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ, os alunos se deparam com a disciplina obrigatória de Laboratório de Terapia Ocupacional A, que é comumente conhecida por Laboratório “A”. Constitui-se como sua Ementa, o “Estudo e vivência dos conceitos e fundamentos da Terapia Ocupacional e da atividade humana como expressão e clínica” (UFRJ/MEDICINA, 2017). Seu Conteúdo Programático registrado em 2015 foi: o estudo das “Formas de conhecimento do Mundo e do Homem: a Filosofia, a Ciência, os Sentidos, a Arte, a Religião” (UFRJ, 2015), com o Objetivo de: “Promover vivências e experimentações de atividades em cenários diversos para reconhecimento da profissão de Terapia Ocupacional, seu potencial clínico, social, cultural e histórico” (UFRJ, 2015).

A disciplina é coordenada pela professora Lisete Ribeiro Vaz e é reconhecida pelo código FMM112, possui carga horária de 45 horas, sendo 15 horas utilizadas para aulas teóricas e 30 horas para aulas práticas; e tem duração mínima de 12 semanas, com aulas semanais de 4 horas (UFRJ, 2015).

A Metodologia utilizada é de “aulas presenciais expositivas e dialógicas; visitas externas e vivências individuais e coletivas de atividades práticas seguidas de diálogos e reflexões” (UFRJ, 2015).

O Plano de Aula da disciplina é organizado por eixos temáticos, sendo: I – Estrutura (utilizado para descrever a primeira aula, na qual são feitas as contratações e última aula referindo-se ao fechamento da disciplina e entrega de Graus e Frequências), II - Experimentação (referindo-se a aulas de experimentações sensoriais); III - Atividade (utilizado para apontar as aulas nas quais são realizadas atividades diversas); e IV - Avaliação (como o próprio nome já descreve, refere a aulas com propostas avaliativas, estudos dirigidos, relatórios) (UFRJ, 2015). Os eixos temáticos nos orientam para a organização e planejamento de nossas ações.

A disciplina é contemplada pelo Programa de Monitoria, conforme Resolução CEG 02/2003, Título II, art.6 parágrafo 1º que dita, entre outros assuntos, sobre a incorporação das monitorias (KATO, SANTOS, 2010, p.107).

Nesta perspectiva situa o Programa de Monitoria e o exercício da mesma por dois anos consecutivos.

5.1 DA MONITORIA EM LABORATÓRIO DE TERAPIA OCUPACIONAL

A

5.1.1 Do Programa de Monitoria

De acordo com a Resolução CEG 04/2004 aprovada em 26 de maio de 2004, que versa sobre Normas para Monitoria, Capítulo I, Art. 1º a 4º, a monitoria tem como objetivo despertar no aluno de graduação o interesse pela carreira docente, sendo “o exercício da monitoria título relevante para admissão a funções docentes”, tendo o monitor como “atribuição auxiliar os professores em tarefas didáticas” (KATO, SANTOS, 2010, p.112).

Para se candidatar à monitoria o estudante precisa cumprir alguns requisitos como: ter sido aprovado com grau igual ou superior a sete na disciplina para a qual deseja se candidatar como monitor; ter Coeficiente de Rendimento Acadêmico (CRA) igual ou superior a seis; e não haver sofrido nenhuma sanção disciplinar, conforme Resolução CEG 04/2004, Cap. III, art.7(KATO, SANTOS, 2010, p.113).

Todos os candidatos são avaliados por meio de prova de conhecimentos e aptidão específicos da disciplina para a qual concorre; e pelo rendimento. As normas e diretrizes para a Seleção de Monitoria são fixadas pelos departamentos (Resolução CEG 04/2004, Cap. III, art.8) (KATO, SANTOS, 2010, p.113). No caso da monitoria de Laboratório de Terapia Ocupacional A, os alunos aprovados ainda passam por entrevista com a docente responsável pela disciplina.

Existem duas formas de se exercer a monitoria: a voluntária ou a bolsista. Para ambas as modalidades, os estudantes devem se submeter a um Edital de Seleção de Monitoria por meio de prova.

O prazo de exercício da monitoria é de dois períodos, referentes ao ano letivo, podendo, segundo Resolução CEG 04/2004, Cap. III. Art.11, ser interrompido a qualquer momento (KATO, SANTOS, 2010, p.113).

O monitor bolsista recebe uma remuneração que ocorre durante dez meses de março a dezembro; a carga horária a ser cumprida não poderá ser inferior a 8

horas nem superior a 12, sendo a definição dada pelo professor responsável pela disciplina (Resolução CEG 04/2004, Cap. IV, art.14 e 15) (KATO, SANTOS, 2010, p. 113, 114).

As atividades exercidas pelo monitor devem estar sob a orientação do professor responsável pela disciplina e ao final de cada período letivo, o monitor deverá apresentar Relatório Descritivo (ANEXO A), acompanhado de parecer do professor, sendo considerados os “aspectos dedicação, desempenho e integração pessoal e profissional” (Resolução CEG 04/2004, Cap. V, art. 16 e 17) (KATO, SANTOS, 2010, p.114).

5.1.2 Do Exercício da monitoria em Laboratório de Terapia Ocupacional A

A partir deste item, chamaremos a disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A apenas de Laboratório “A”, como já mencionamos anteriormente e faremos um recorte referente aos períodos 2015.1; 2015.2; 2016.1 e 2016.2, em que a autora esteve como monitora bolsista sob supervisão e orientação da professora Lisete Ribeiro Vaz, coordenadora da disciplina. Ressaltamos que nos períodos de 2016.1 e 2016.2 a aluna Francis Gabriela do Nascimento Chajon enriqueceu a disciplina com sua grande contribuição como monitora voluntária; e que no período de 2015.1 e 2016.2 tivemos a valiosa participação da Professora convidada e terapeuta ocupacional Amanda Oliveira.

O exercício da monitoria deve ser acompanhado por estudo e dedicação, pois é atribuição do monitor auxiliar o professor em tarefas didáticas. De acordo com o Dicionário online Dicio (2017) a palavra “didática” representa a “arte de ensinar, de transmitir conhecimentos por meio do ensino; o conjunto de teorias e técnicas relativas à transmissão do conhecimento [...]”. Sendo assim, essa atribuição engloba muitas tarefas e conteúdos diversificados. Em acordo com a proposta da disciplina, as atribuições do monitor não se referenciam apenas a momentos em sala de aula, mas a trabalhos externos, contatos extra institucionais, preparação e organização de cada aula juntamente com o professor responsável pela disciplina e junto a cada turma (chamo turma todos os alunos que compuseram a disciplina em cada período citado neste trabalho).

Embora não conste como requisito do Edital de Monitoria, é imprescindível que o aluno monitor tenha um bom relacionamento com o professor da disciplina, com quem estará junto a princípio por dois períodos seguidos, planejando, organizando, verificando conteúdos e auxiliando dentro e fora da sala de aula não só ao professor, mas aos alunos, pois, o monitor tem contato direto com os mesmos em diferentes locais da Universidade.

Por tratar-se de uma disciplina do primeiro período, do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ, a monitoria em Laboratório “A” é essencial, pois os alunos ingressantes estão tendo o seu primeiro contato com a Universidade, com o Curso de Graduação e com a Terapia Ocupacional.

O monitor de Laboratório “A” precisa ser empático, pois, dentro de suas atribuições didáticas está a recepção dos alunos ingressantes. É ele quem fará o primeiro *tour* pelo Campus Universitário onde o curso está inserido. Podemos citar: visita à Coordenação do Curso; ao subsolo (onde terão aulas de Bases Biológicas e outras disciplinas); ao Bloco N (onde ocorre a maioria das aulas relacionadas às disciplinas específicas da Terapia Ocupacional); ao local onde ficam as “xerox” do curso; ao Hospital Universitário, à Brinquedoteca (que fica localizada no Instituto de Pediatria e Puericultura Martagão Gesteira – IPPMG). É preciso também estar disponível para orientar os novos alunos com relação aos trâmites da Universidade, como: trancamento de disciplinas, cadastro e utilização do SIGA e demais informações que os ingressantes trouxeram como demanda.

Antes do início do período letivo, a professora marca uma reunião com o monitor para passar os informes, discutir e resolver sobre o cronograma que regerá o período letivo, partilhar informações. Nesta reunião inicial é feito o Plano de Aula para o período, assim como se decide se haverá aulas externas, os locais que podem ser visitados e o arcabouço teórico básico e complementar que será utilizado para as aulas.

Nos recortes citados, de 2015.1 até 2016.2, foram feitas algumas modificações, ajustes e documentos padrões para a disciplina.

O primeiro período da minha monitoria ocorreu em 2015.1, quando começamos a colocar todos os conteúdos da disciplina em arquivo digital. Foi criada

a pasta virtual de Laboratório “A” e compartilhada com as professoras. Desta forma tornou-se possível enviar virtualmente os textos, os estudos dirigidos e os documentos da disciplina para os alunos, conforme as aulas iam acontecendo, sempre com antecedência mínima de uma semana.

Neste mesmo período foram criados documentos padronizados como: declaração de aula ministrada (APÊNDICE A); autorização para estudantes com idade inferior a 18 anos poderem participar das visitas externas (APÊNDICE B); lista de presença padronizada (APÊNDICE C); e avaliação “não formal” da disciplina (APÊNDICE D).

Fizemos um levantamento de professores e monitores iniciando por 2011.1 (UFRJ/NOTÍCIAS TO, 2017), devido só constar registro a partir deste período, sendo concluído com informação verbal fornecida pela professora coordenadora da disciplina Lisete Ribeiro Vaz, com o propósito de criar um quadro histórico da disciplina com todos aqueles que já contribuíram para sua consolidação e amadurecimento, sendo possível constatar que a disciplina a partir de 2011.1 até o período 2016.2 contou com 2 professoras coordenadoras, 1 professor convidado, 1 aluna colaboradora e 6 monitores bolsistas e voluntários, conforme a tabela 1:

Tabela 1: Quadro Histórico da disciplina de Laboratório “A”.

ANO	PROFESSORES	MONITORES
2011.1	Patrícia Dorneles	Luiz Fusco (conforme site Notícias T.O UFRJ)
2011.2	Lisete Ribeiro Vaz	Wanelli (aluna colaboradora)
2012.1	Lisete Ribeiro Vaz	Thayza Anália da Silva Sant'ana
2012.2	Lisete Ribeiro Vaz	Thayza Anália da Silva Sant'ana
2013.1	Lisete Ribeiro Vaz	Geraldo Albertacci Junior
2013.2	Lisete Ribeiro Vaz	Geraldo Albertacci Junior
2014.1	Lisete Ribeiro Vaz Amanda Oliveira	Geraldo Albertacci Junior Carolina de Carvalho Figueiredo
2014.2	Lisete Ribeiro Vaz Amanda Oliveira	Geraldo Albertacci Junior Carolina de Carvalho Figueiredo
2015.1	Lisete Ribeiro Vaz Amanda Oliveira	Aline Macedo Rocha Rodrigues

2015.2	Lisete Ribeiro Vaz	Aline Macedo Rocha Rodrigues
2016.1	Lisete Ribeiro Vaz	Aline Macedo Rocha Rodrigues Francis Gabriela do Nascimento Chajon
2016.2	Lisete Ribeiro Vaz	Aline Macedo Rocha Rodrigues Francis Gabriela do Nascimento Chajon

Fonte: Arquivo da disciplina de laboratório "A". Criação da autora (2015).

Nos recortes temporais referidos neste trabalho, o monitor foi responsável por fazer o contato com os locais de visita externa. Isto sempre implicou em conhecer o transporte de acesso mais viável; em apresentar o curso de Graduação em Terapia Ocupacional de Universidade Pública; em solicitar a gratuidade. A gratuidade foi conseguida em todos os períodos para professores e alunos, enriquecendo grandemente os conteúdos da disciplina. Registramos as visitas feitas com gratuidade: Museu da República, Museu de Arte do Rio (MAR), e Exposição Diálogos no Escuro (que aconteceu no Museu Histórico Nacional).

Ao final de cada período nos reuníamos para programarmos como seria o seguinte. Depois de muitas reuniões, discussões e reflexões, construíamos o Cronograma e o Plano de Aula.

Na reunião para a preparação do Plano de Aula 2015.2, ao fazermos a análise do período anterior 2015.1, verificamos que, no total de 12 aulas, 41,66% (5 aulas) ficaram voltadas ao eixo temático "Avaliação", e apenas 16,66% (2 aulas) voltadas às aulas de experimentação sensorial e outras 16,66% (2 aulas) voltadas para o eixo temático atividades, conforme figura 11:

Eixo temático I	Estrutura 3 aulas
Eixo temático II	Experimentação 2 aulas
Eixo temático III	Atividade 2 aulas
Eixo temático IV	Avaliação: 1 Relatórios; 2 Estudos Dirigidos; 1 Seminário; 1 Portfólio (PTF). Cada uma dessas avaliações vale 10 (dez) pontos. R1+ED1+ ED2+S+PTF = 50/5 5 aulas

Figura 11: Eixos Temáticos da disciplina de Laboratório "A" 2015.1.
Fonte: Plano de aula da disciplina de Laboratório "A" período 2015.1 (2015).

Em discussões e debates, analisando os eixos temáticos e as necessidades de se transmitir de forma prática os conteúdos da disciplina, e por demanda dos

próprios alunos, decidimos que havia a necessidade de se inserir mais aulas com experimentações sensoriais e unifica-las, em sua maioria, ao eixo atividades, pois em cada aula de experimentação sensorial eram propostas atividades.

O Plano de Aula foi alterado e a estrutura dos eixos temáticos, modificada, conforme se vê na Figura 12:

Eixo temático I - Estrutura	2 aulas
Eixo temático II - Experimentação	7 aulas
Eixo temático III - Atividade	8 aulas
Eixo temático IV - Avaliação	3 aulas 1 ED1 (Texto Ana Mae); 1 Relatório de visita (MAR) 1 Seminário: Experimentação Sensorial. 4 Maleta Cada uma dessas avaliações vale 10 (dez) pontos. ED1 + RL + S + M = 40/4

Figura 12: Eixos Temáticos da disciplina de Laboratório "A" 2015.2.
Fonte: Plano de aula da disciplina de Laboratório "A" período 2015.2 (2015).

Mantivemos o total de 12 aulas, porém com um aumento significativo referente às aulas práticas de experimentação sensorial, que passou para 7 aulas, correspondendo a um total de 58.33%; contemplamos algumas aulas com dois eixos e diminuimos as aulas referentes ao eixo de Avaliação, passando para 3 aulas. Desta maneira ficou constituído o Plano de aula 2015.2 (ANEXO B).

Com o fim do período, ocorreu o término da monitoria relativa ao ano 2015.

Em 2016, estive mais uma vez como monitora da disciplina (depois de ter me submetido novamente ao Processo Seletivo, como todos os demais alunos) e passamos a contar com a brilhante participação de mais uma aluna como monitora.

Com a contribuição da nova monitora, decidimos em reunião construir um e-mail unificado - laboratorioamonitoria@gmail.com - e compartilhamos os arquivos digitais da disciplina, para que todos pudessem ter acesso, inclusive os futuros monitores e ou professores.

Após cada aula nos reuníamos (monitoras e professora) para dialogarmos e fazermos a reflexão referente aos conteúdos, práticas e vivências.

Em 2016.2, ao construirmos o Plano de Aula para o período, como discutido anteriormente em reunião, acrescentamos algumas Referências Complementares para leitura e maior aproveitamento dos alunos, tendo sido modificado de:

16.2 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES:
ALMEIDA, M. V. M. <i>A Selvagem dança do corpo</i> . Curitiba: Editora CRV, 2011.
LIBERMAN, F. <i>Delicadas coreografias: apontamentos sobre o corpo e procedimentos em uma terapia ocupacional</i> . Cad. Terapia ocupacional da UFSCAR, São Carlos, jan.-abr. 2010, v. 18, n. 1, p. 68-76.
LIMA, E. M. F. A. <i>A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional</i> . Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, São Paulo. V. 15, p. 42-48, maio/ago., 2004.
MEDEIROS, A. M. C.; SÁ, T. P. L.; ALVELOS, C. L.; RAPOSO, O. F. F. <i>Efeitos da estimulação gustativa nos estados comportamentais de recém-nascidos prematuros</i> . Audiol. Commun. Res. [online]. 2013, vol.18, n.1, pp.50-
SILVA, E. F. O. da, GATTI, A. L., & GOULART, R. M. M. (2015, abril - junho). <i>Lembranças gustativas e alimentação em idosas entre 60 e 80 anos</i> . Revista Kairós Gerontologia, 18 (2), pp. 59 – 80. ISSN 1516-2567. ISSN 2176-901X. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP
OLIVEIRA, J. & GARCEZ, L. <i>Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais</i> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Figura 13: Referências Complementares da disciplina de Laboratório “A” 2016.1.
Fonte: Plano de aula da disciplina de Laboratório “A” 2016.1 (2016).

Para:

16.2 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTARES:
ALMEIDA, M. V. M. <i>A Selvagem dança do corpo</i> . Curitiba: Editora CRV, 2011.
CANABRAVA, F. et al. <i>Os sentidos da comida: Será que só a fome é o tempero do alimento?</i> Eclética. Jan-Jun. 2006.
CARDOSO, M.M. <i>Monitoria Acadêmica: Relato de experiência em disciplina aplicada a terapia ocupacional</i> . Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR. São Carlos. Jan-Jun. v. 16, n. 1, p. 53-57. 2008.
CAVALCANTI, M. T. et al. <i>Residência multiprofissional em saúde mental do IPUB/UFRJ no contexto das transformações da formação em saúde</i> . Instituto de Psiquiatria da UFRJ: Gestão 2010 – 2014. Rio de Janeiro. 2015.
CRUZ, D. M. C. <i>A opinião dos estudantes de terapia ocupacional sobre o processo de sua formação</i> . Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR. São Carlos, v. 12, n. 2. 2004.
LIBERMAN, F. <i>Delicadas coreografias: apontamentos sobre o corpo e procedimentos em uma terapia ocupacional</i> . Cad. Terapia ocupacional da UFSCAR, São Carlos, jan.-abr. 2010 v. 18, n. 1, p. 68-76.
LIMA, E. M. F. A. <i>A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional</i> . Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, São Paulo. V. 15, p. 42-48, maio/ago., 2004.
MEDEIROS, A. M. C.; SA, T. P. L.; ALVELOS, C. L.; RAPOSO, O. F. F. <i>Efeitos da estimulação gustativa nos estados comportamentais de recém-nascidos prematuros</i> . Audiol. Commun. Res. [online]. 2013, vol.18, n.1, pp.50-
MITRE, S.M. et al <i>Metodologias ativas de ensino-aprendizagem na formação de profissionais de saúde</i> . Ciência & Saúde Coletiva, 13(Sup. 2) pp. 2133-2144. 2008.
SAITO C. M.; CASTRO, E. D. <i>Práticas corporais como potência da vida</i> . Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCAR. São Carlos. Mai/Ago. v. 19, n.2, p 177-188. 2011.
SACKS, OLIVER W. <i>Um antropólogo em Marte</i> . – São Paulo: Editora Companhia de Bolso. 1995.
SIEGMANN, C. <i>Pensar e Inventar-se – Terapia Ocupacional como clínica dos afectos</i> . Porto Alegre. 2006. 166 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior – CAPES. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2006.
SILVA, E. F. O. da, GATTI, A. L., & GOULART, R. M. M. <i>Lembranças gustativas e alimentação em idosas entre 60 e 80 anos</i> . Revista Kairós Gerontologia, v. 18. N. 2, pp. 59 – 80. São Paulo (SP), Brasil. PUC-SP. abril – junho. 2015.
SUSKIND, P. <i>O perfume - história de um assassino</i> . Editorial Presença. 12. edição, Lisboa, Março, 1999.
OLIVEIRA, J. & GARCEZ, L. <i>Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais</i> . Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

Figura 14: Referências Complementares da disciplina de Laboratório “A” 2016.2.
Fonte: Plano de aula da disciplina de Laboratório “A” 2016.2 (2016).

Foram acrescentadas outras sete Referências Complementares, passando de 6 para 15 Referências entre artigos e livros.

Ao final de cada período os alunos faziam a avaliação da disciplina e do docente (ANEXO C); a professora fazia o fechamento da disciplina, da monitoria, e de toda a documentação referente ao período. Depois do lançamento de toda a informação no SIGA, os documentos eram entregues na Coordenação do Curso.

Todos os períodos em que estive como monitora foi de extrema relevância para minha formação, porém nestes dois anos de monitoria as experimentações sensoriais foram o que mais me despertaram a observar o ser humano e a forma como cada um sente; se afeta, se envolve ou não em uma determinada proposta e como pelo conhecimento de si é possível lhe dar com o outro, por isso neste trabalho destacarei a seguir as experimentações sensoriais, referentes ao eixo temático II.

6 APONTAMENTOS SOBRE EXPERIMENTAÇÃO SENSORIAL: paladar, tato, olfato, audição e visão

Após passar pela disciplina de laboratório “A” na função de aluna, me senti impactada, pois de alguma forma “sofri algum tipo de influência ou fui alvo do efeito deixado por uma ação ou acontecimento”, sendo este o sentido da palavra *impactada*, que aqui queremos ressaltar conforme consta no Dicionário online Dicio (2017).

Nesta disciplina de primeiro período, os alunos são levados ao conhecimento dos sentidos de seu próprio corpo através de experimentações sensoriais focadas em cinco sentidos: paladar, tato, olfato, audição e visão.

O corpo humano possui mais de cinco sentidos (SERRANO, 2016), porém nas sessões de experimentação sensorial focamos apenas em cinco sentidos do corpo.

Mas o que podemos dizer sobre experimentação sensorial? E o que isso pode estar associado com Terapia Ocupacional?

De acordo com o Dicionário online Michaelis (2017), a palavra “experimentação” refere-se ao “ato de experimentar”, que é o mesmo que “passar por, sofrer, conhecer por meio de experiência” e a palavra “sensorial” é relativa a “sensório”, a “sensação”, sendo esta uma:

Reação específica provocada por um estímulo interno ou externo [...], vivência significativa que desperta afetos e emoções conflitantes; grande impressão, impacto ou surpresa devido a um acontecimento raro, incomum ou especial (Dicionário Michaelis, 2017).

Sabemos que temos um coração, que pulsa, pulsa, mas possivelmente jamais paramos para escutá-lo pulsar, para perceber a forma como ele faz o sangue correr por todo o nosso corpo, desde a planta dos pés até ao alto da nossa cabeça e que podemos senti-lo pulsar por diversas partes do corpo (LIBERMAM, 2007). O mesmo podemos apontar sobre nossa respiração. Em relativo repouso, um adulto inspira e expira “com uma frequência de 12 a 18 ciclos por minuto” (ZIN, ROCCO, FAFPE, 2015, p.616) o que soma cerca de 17.280 a 25.920 vezes por dia, o que nos passa despercebido. Não nos damos conta de como isso acontece dentro de nós; sentir o ar entrando e passando pela traqueia e chegando aos pulmões; sentir o movimento da caixa torácica se expandindo e atentar para dimensão da quantidade de

músculos que estão envolvidos no “simples” fato de respirar, bem como isso se modifica dependendo do “estado” em que nos encontramos. Não consideramos aqui somente a mecânica da perceptividade desses movimentos, mas o sentir, o se permitir ouvir o corpo, o que ele está dizendo. O corpo “fala” e precisamos estar atentos para ouvir a sua voz e perceber os seus sinais (WEIL, TOMPAKOW, 2015). Por vezes não percebemos, nem processamos em nosso pensamento os momentos que vivemos.

As experimentações sensoriais na disciplina de laboratório “A” estão diretamente ligadas aos órgãos e função dos sentidos e em cada aula é proposto um tipo de experimentação que aqui denominamos como sessão, conforme informado na Introdução (p. 16) e na Metodologia (p. 19).

Cada modalidade sensorial destina-se a detecção de um dado estímulo. De acordo com Baldo (2008), o tato é uma submodalidade do sistema somático, e:

Visão e audição são modalidades sensoriais sensíveis a estímulos constituídos, respectivamente, por ondas eletromagnéticas e ondas mecânicas, cujas frequências, em ambos os casos, situam-se em uma faixa adequada, a qual permite a detecção pelos receptores sensoriais [...] Olfacção e gustação são modalidades sensíveis a substâncias químicas presentes [...] (BALDO, 2008, p.240).

Porém, na disciplina não abordamos a fisiologia dos sentidos e dos sistemas sensoriais, mas na prática, a forma como através dos sentidos do nosso corpo podemos ser ou não impactados.

Quando falamos de experimentações sensoriais com base nos cinco sentidos do corpo humano, explícitos neste trabalho, é necessário reconhecer que tais experimentações são maneiras de conhecer a si, ao mundo ao ambiente e ao outro, não se constituem em nova descoberta ou novo conhecimento.

Na Epígrafe deste trabalho, inserimos a letra do samba enredo do *Coletivo Carnavalesco Tá Pirando, Pirado, Pirou* de 2011, “Amor, venha desfrutar as sete maravilhas do mundo”! De acordo com os autores, quais seriam as 7 maravilhas do mundo? Eles respondem: “ver, ouvir, provar, amar, sentir, rir e fazer fotossíntese!”. Estas 7 maravilhas (em referência as 7 maravilhas do Mundo Antigo e às 7 maravilhas do Mundo Atual) não se encontram em obras humanas arquitetônicas, externas (lindas, sem dúvida!), mas no corpo humano. “Eu quero, ver, ouvir, provar,

me esbaldar, respirar ar puro! Vem amar, sentir e rir, gargalhar nos Jardins de Epicuro!” (CAVACO, VALKI, FATINHA, 2011).

Quem teria sido Epicuro no mundo dos sentidos? “A teoria do conhecimento epicurista caracteriza-se pela valorização da experiência imediata [...] para aquisição de conhecimentos posteriores” (MARCONDES, 2007, p.93).

Para isso destacamos o axioma do filósofo grego Aristóteles: “*δεν υπάρχει τίποτα στο πνεύμα που δεν έχει αρχικά κάτω από τις αισθήσεις*” (Grego, google tradutor) , ou seja: **“Nada há no intelecto que primeiro não tenha estado sob os sentidos.”** (ARISTÓTELES *apud* SANTOS, 1997, p.43, ‘grifo nosso’).

Conforme Merleau-Ponty (1999, p. 25) aponta “nós acreditamos saber muito bem o que é ‘ver’, ‘ouvir’, ‘sentir’”, isso já está em nós e a todo tempo somos bombardeados pelas coisas que nos rodeiam. Entretanto a disciplina de Laboratório “A”, através das experimentações sensoriais, das leituras propostas, questionamentos e reflexões nos direciona a olhar para nosso interior, nos percebermos e descobriremos coisas que talvez jamais houvéssemos percebido.

Sabemos bem que cada alimento possui um sabor, mas dificilmente paramos para degustá-lo e há ainda aqueles que por algum motivo não conseguem senti-lo. De igual forma acontece com todo nosso corpo e suas sensações.

Havemos de discernir outras duas palavras para que adiante possamos compreender as experimentações. Dentre elas “sensação”, já citada anteriormente, porém que foi definida com muita peculiaridade pelo filósofo Merleau-Ponty (1999, p.23) como sendo “primeiramente, a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo”. A outra palavra, “percepção”, que para Merleau-Ponty (1999, p. 6):

Não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles. O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei de constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas.

Ou seja, interpretamos o mundo de acordo como o percebemos e isto é singular a cada ser humano.

Diante de tantas percepções em meu próprio corpo e a observação dessas sensações e experimentações diversificadas que se dão de forma singular em cada corpo e além destes, é que me debrucei sobre a disciplina de Laboratório “A” de Terapia Ocupacional. Exercendo a monitoria durante dois anos busquei com apreço estudar as experimentações sensoriais e os impactos que as mesmas podem ter na formação do estudante de graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ.

Nesta perspectiva que a disciplina de Laboratório “A” abre para os alunos, recém-chegados a graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ, um leque de experimentações sensoriais, propiciando que através de cada experimentação os alunos possam refletir sobre a afetação em si, no ou com o outro e o ambiente, possam reconhecer sua subjetividade, impressa também através de sensações, da percepção de suas emoções e afetos, e que possam vivenciar os conceitos e fundamentos da Terapia Ocupacional.

Falar do impacto das experimentações sensoriais talvez seja algo ininteligível, uma vez que as experimentações são únicas e mesmo tendo sido proporcionadas a um coletivo de alunos, estas são singulares a cada sujeito e a cada ambiente. Descrever o que o outro sentiu e a forma como foi ou não afetado é algo que não há como “expressar no papel”, torna-se tarefa árdua e complexa escrever o que muitas vezes palavras não conseguem expressar.

De acordo com Liberman (2010, p. 68) a Terapia Ocupacional tem “enxergado no encontro entre corpos um terreno fértil”. As experimentações sensoriais trazem sentimentos, memórias, alegrias, tristezas, certezas e até incertezas, nos levam mais fundo ao conhecimento de nós mesmos, para assim podermos lidar com o outro e abriremos campo a esse terreno de sensibilidades de se permitir “olhar e ser olhado, tocar e ser tocado” (LIMA, 2004), sentir e com isso construir tessituras que sejam capazes de transformações.

Essa sensibilidade de se permitir afetar por diferentes materialidades pode ser encontrada no conhecimento de nós mesmos. No momento em que nos deixamos afetar e que percebemos a consciência disto, passamos a olhar para o outro e acolher a suas singularidades.

As experimentações sensoriais em uma disciplina de primeiro período na qual os alunos em sua maioria ainda não se conhecem, agem como no método de escavação, que é “uma maneira de ajudar o sujeito a pensar, fazer e falar” (MARCONDES, FURTADO, 2014, p. 97).

No encontro consigo mesmo e com o outro surgem questionamentos, dúvidas, reflexões, que ao longo da disciplina vão se tornando em saber vivido, experimentado e possibilita a percepção de corpos que se “curvam e se expandem”; que enrijecem e esmaecem, corpos que “tocam e se deixam tocar”, corpos atravessados por histórias, culturas, pensamentos, por marcas que transcendem o que apenas se tenta falar, corpos que expressam e que não podem ser abandonados, mas que precisam se encontrar em sua “subjetividade” (LIBERMAN, 2010).

De acordo com Castro (2014, P. 28):

É aí que se originam muitos acontecimentos, matérias de novos sentidos existenciais que tocam tanto os terapeutas quanto os pacientes e abrem espaços numa multiplicidade de territórios: visíveis e invisíveis, materiais e imateriais, objetivos e subjetivos, teóricos, técnicos, tecnológicos e metodológicos, conteúdos que inscrevem fundamentalmente a emergência do humano e afetam os atores desse encontro.

Nesse ponto é que, além dos atributos necessários como o conteúdo técnico e metodológico, a formação do aluno e futuro profissional de Terapia Ocupacional precisa conter uma prática que propõe despertar a sensibilidade de perceber a singularidade dos sujeitos, suas vivências e diferentes demandas e contextos. Este apontamento corrobora com Caniglia (2000 apud DRUMMOND, 2014, p.14), no qual a mesma comenta que a Terapia Ocupacional “atua com projetos de vida”, vidas que se desnudam no processo terapêutico e que necessitam de um profissional capaz de se abrir para receber e acolher as suas demandas, que podem se apresentar de diferentes maneiras, mas que constituem o sujeito, sua forma de vida e existência no mundo.

Essa disciplina de primeiro período possibilita aos alunos através das experimentações, questionamentos e reflexões, que se aproximam das vivências acerca da Terapia Ocupacional.

Conforme Almeida (2004, 2011):

Encontramos nos cursos de Terapia Ocupacional, a possibilidade de aliança entre a formação intelectual e vivencial e a compreensão do corpo singular, vivencial, relacional, histórico e não fragmentado (*apud* CARVALHO, ALMEIDA, 2012, p. 5).

Na Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ, a disciplina de Laboratório “A” inicia com os alunos do primeiro período, em sua maioria, a formação intelectual e vivencial, permitindo desta forma um contato direto e prático com os conceitos e conteúdos da Terapia Ocupacional.

A partir deste descreverei separadamente cada sessão de experimentação sensorial.

6.1 SESSÃO DE EXPERIMENTAÇÃO GUSTATIVA

A proposta da experimentação gustativa é que os próprios alunos recém-chegados ao Curso organizem a forma como desejam experimentar oralmente o que primeiramente denominamos de paladar.

Eles têm uma semana para organizar os preparativos da experimentação e são convocados a trazer alimentos. Isto a princípio, gera muitas dúvidas como: o que levar? Doce ou salgado? Azedo ou ácido? Quente ou morno? Frio ou gelado? Bebida ou comida? Cru ou cozido? Pronto ou para preparar na hora? Cortado ou inteiro? Muito ou pouco? Macio ou duro? Líquido, sólido ou pastoso? E ainda, sem a consciência, lançam mão dos primeiros termos ou conceitos para o exercício da sua futura profissão.

Dentre tantas perguntas, algumas pontuações vão sendo feitas e são criadas condições para que eles possam se organizar primeiramente sobre os alimentos que desejam levar ou querem preparar para si próprios e para seus colegas de turma, sendo questionados se todos podem comer o que vão trazer; ou se alguém possui alguma restrição alimentar e onde ocorrerá a experimentação. Será na sala de aula, um lugar fechado ou será em um lugar aberto por onde passam muitas pessoas? Como se articularão ao longo da semana para que ocorra a experimentação?

Os alunos têm total liberdade para fazer toda a preparação como grupo, e para decidirem a forma como proporão a experimentação. No decorrer da semana a monitora permanece em contato com o representante da turma para saber como andam os preparativos e para averiguar se pensaram em tudo o que será necessário para a experimentação como: copos, talheres, toalhas, pratos,

guardanapos e o que mais acharem que é necessário levar. Cada aspecto é muito peculiar ao que a turma imaginar que pode proporcionar a si.

Ainda sem nenhuma direção explícita sobre o porquê desta experimentação, chega o dia da aula.

Com a participação e a observação da professora e da(s) monitora(s), os alunos preparam a experimentação no local já previamente escolhido por eles. Neste momento decidem como proporão a experimentação: se cada um se servirá livremente; se um servirá o outro; se será de olhos vendados ou não; se será necessário inibir algum outro sentido, como o olfato; se comerão alimentos diferentes ou se comerão só o que gostam. Diversas perguntas vão surgindo ao longo da experimentação.

Rostos modificados, semblantes se diferenciando, sorrisos, lágrimas, afetos, aversão, desejos e muita conversa entre pessoas que em sua enorme maioria acabaram de se conhecer, e assim vai acontecendo a experimentação.

Enquanto saboreiam os alimentos e líquidos, surgem frases como: “Eu nunca senti isso antes”; “Eu não gostava disso”; “Isso lembra a minha infância, na casa da minha avó”; “Essa comida é típica do meu Estado”; “Que saudade da minha família”; “Como um simples café da manhã pode fazer isso com a gente?”.

Ao término, todos são convocados pela professora a fazer uma roda para que possamos conversar e então entender o porquê da experimentação, para nos conscientizarmos de quantas coisas foram envolvidas para que a experimentação acontecesse, e, particularmente, sobre o que isso pode ter a ver com a Terapia Ocupacional.

Acordamos todos os dias e alguns de nós temos o costume de comer pela manhã. Mas será que nos atentamos para como preparamos ou a forma como comemos e tudo o que ficou envolvido para que algo fosse preparado para comer? Sutilmente os alunos são convocados a refletir sobre suas ações e suas atitudes e sobre tudo que envolveu a preparação da atividade.

E começamos a refletir sobre a atividade, como foi ter que escolher algo para levar, como foi o processo de ir comprar ou de fazer, se foi fácil ou tiveram alguma dificuldade; como chegaram a um acordo comum sobre a forma de proporcionar a

experimentação; como foi a experiência de experimentar; qual a sensação que sentiu antes e depois da experimentação e se todos sentiram a mesma coisa, se houve algum impacto ou não, como estavam naquele momento, se apenas comeram ou se realmente se propuseram a sentir o que comiam [...].

Em sua maioria, os alunos passam a se analisar e expressar como foi para si, e aos poucos surgem reflexões e questionamentos junto ao grupo. Alguns relatam ter sido fácil pensar no que levar, outros acharam a tarefa difícil, pois tiveram que se organizar para que houvesse alimentos diferentes e líquidos (bebidas) também; uns falam sobre suas sensações e percepções no ato de experimentar, outros preferem não expor nada, e assim o diálogo vai acontecendo e surgem experiências boas e ruins, vidas vão sendo desnudadas e histórias contadas e lembradas, outros trazem à memória a lembrança do seu Estado, de sua família, de sua infância.

Os alunos, em sua maioria, se envolvem com o que os outros dizem e começam a refletir como a experimentação foi diferente para cada um, como a cultura e a experiência de vida influenciam as suas preferências e o modo de escolher o que comer: têm o costume de beber? Não? Lancham ou almoçam pela manhã? Usam as mãos para pegarem os alimentos ou preferem usar guardanapos? Usam faca para cortar o pão? O pão é aberto com a mão? Mistura doce com salgado? Preferem comer separado? [...].

Diante das próprias vivências e do diálogo com a turma, sempre mediado pela professora, a compreensão das palavras “singularidade” e “subjetividade” vai sendo exposta na prática, bem como o que em períodos a frente compreenderão como o conceito de análise da atividade, que é fundamental para a Terapia Ocupacional. Os alunos vão entendendo que cada sujeito é único, mesmo que exposto à mesma situação e no mesmo ambiente. Cada um recebe e apresenta uma resposta diferente, seja de forma externa ou interna, “visível” ou “invisível”, “material” ou “imaterial” (CASTRO, 2014), e desta forma os alunos vão tendo o primeiro contato vivencial com a Terapia Ocupacional.

6.2 SESSÃO DE EXPERIMENTAÇÃO TÁTIL

Como já mencionado no capítulo 3, o tato faz parte do sistema somestésico, “que é a capacidade que os animais e seres humanos possuem de receber informações sobre diferentes partes do seu corpo” sendo “a pele o ‘órgão somestésico’ por excelência” (LENT, 2010, p. 228, 229).

Somos seres táteis desde o ventre, todo nosso corpo é formado por pele e possui sensores que nos fazem perceber o toque e suas sensações.

Nessa proposta da disciplina, as mãos são os membros mais utilizados, por possuírem uma maior densidade de receptores cutâneos (LENT, 2010, p. 241) e por seu uso expressivo nas atividades cotidianas.

Para a experimentação tátil utilizamos a argila, um material:

Natural, terroso, constituído por componentes de grão muito fino [...] desenvolve, quase sempre plasticidade em meio úmido e endurece depois de seco e, ainda mais, depois de cozido (Meira, 2001, p.1).

O contato com este material pode proporcionar muitas sensações, por possuir uma textura macia, plástica; uma temperatura que pode se modificar de acordo com o manuseio e por possibilitar diversas formas de expressão e criação, por ser maleável dependendo do estado em que se encontra; por ser moldável e assim se permitir modelar, deformar e remodelar, podendo ser aquecido e então ter o seu estado físico modificado.

Cada aluno traz sua porção de argila, ou divide com os colegas.

Começam as primeiras indagações referentes à cor das argilas, umas são brancas, outras avermelhadas e algumas acinzentadas, explica-se que a argila é um material que pode ser extraído de solos diferentes por isso possui diferentes cores. Um solo rico em caulino, a argila “coze branco ou quase branco” (Meira, 2001, p.4), um solo ferruginoso a argila fica avermelhada, um solo rico em alumínio e silício a argila fica acinzentada [...] (Teixeira, 2017).

Há alunos que a relacionam com massinha, neste caso são orientados a observar e sentir a diferença, pois apesar de serem materiais moldáveis, possuem texturas, umidade, miscibilidade e outras propriedades totalmente diferentes: a massinha é um material fabricado, já a argila um material extraído da natureza.

Todos são orientados a forrarem a bancada com plástico e jornal. A proposta da experimentação é transmitida para toda turma: cada um tem a liberdade de modelar ou não o que desejar, da forma como desejar.

Nesta atividade é proporcionado a cada aluno além do contato com o material, experimentar o que ele pode nos oportunizar em diferentes esferas, ou seja, “a oportunidade existente para a expressão de sentimentos, atitudes, idealizações, em um nível não verbal” (FRANCISCO, 2008, p. 37) podendo ser expresso por meio do fazer.

Sem nenhuma orientação prévia sobre como trabalhar com a argila, os alunos começam a manuseá-la, uns misturam com água e depois falam que molharam muito, outros colocam só um pouquinho de água, uns socam e “batem” na argila, outros amassam. No início da atividade há um falatório, comum entre todas as turmas, uns ficam indecisos sem saber o que vão fazer ou como trabalhar com a argila. Tocam a argila “com vontade”, amassam, enfiam o dedo, “sujam” as mãos em sua totalidade, porém há aqueles que parecem não querer tocar e lavam as mãos o tempo todo.

Modelam, criam, recriam, desmancham tudo o que fazem e começam tudo de novo, uns utilizam somente as mãos, outros usam o lápis como ferramenta, acoplam pedrinhas brilhantes para enfeitar, correntes, usam outros objetos para marcar a argila e vão se envolvendo no que se foram sugestionados pelo material.

No decorrer da atividade é possível perceber o efeito dela sobre cada um/uma da turma, os sentidos parecem estar todos voltados à ação do tato e do material, o silêncio passa a ser perceptível, os semblantes se modificam de acordo com o êxito ou fracasso daquilo que estão fazendo. Alguns se isolam e buscam um canto separado de toda a turma, outros ficam de pé, se distanciam da “obra” que estão criando, como se estivessem querendo ver de outro ângulo; uns debruçam sobre a criação; outros apoiam na bancada; uns observam o que os outros estão fazendo, cada aluno tem o seu jeito próprio de se envolver ou não com este material.

Ao término da proposta de experimentação tátil os alunos são convidados pela professora a fazerem uma roda para dialogar sobre a atividade, alguns se

envolvem tanto com o fazer na argila que nem percebem que esta parte da aula já terminou e que agora é hora do diálogo. Com isto aprendemos que:

Os materiais são portadores de condições próprias para as mais diversas manifestações, dos mais diversos conteúdos humanos. São originais e capazes de, conforme a utilização, substituírem o som da palavra falada e, dessa forma, constituir um vocabulário útil ao homem (JORGE, 1995, p. 37).

O aluno que sentir-se à vontade pode falar sobre o que fez ou criou, e o porquê decidiu fazer tal coisa. Sentimentos são expressos por meio da criação singular.

Alguns relatam sobre a dificuldade de fazer alguma coisa e que não se sentem à vontade em manipular a argila; que a atividade trouxe incômodo e incerteza; que não gostaram, mas que mesmo assim conseguiram participar. Outros relatam que gostaram e que o tocar na argila trouxe prazer, que conseguiram se envolver no que estavam fazendo.

Diálogos sobre a experimentação vão sendo tecidos e a professora leva à reflexão sobre o material utilizado, a importância de conhecermos o material para então podermos propor uma atividade com ele. O que esse material afetou ou não em nós, se foi prazeroso, se foi angustiante, se todos conseguiram participar. E assim os alunos podem refletir sobre o quanto o tato pode ser potencializado ou não através de uma atividade de acordo com o que cada um sente ao tocar.

Esta atividade do sentido tátil foi realizada em três dos quatro períodos citados no capítulo 5.1.2 (p. 29). Porém observou-se em todos os períodos em que a mesma foi realizada, que a argila para alguns alunos mostrou-se desconfortante, pois não gostaram de tocar e trabalhar com o material. Para outros de acordo com os relatos, a argila foi bem agradável à sensação do toque e ao que puderam sentir.

Através desta experimentação os alunos podem vivenciar alguns conceitos aplicados à livre produção (que aprendem com maior propriedade teórica em disciplinas de períodos mais à frente), como: a) a fase de preparação, que “diz respeito basicamente à maneira de o paciente abordar o objeto”; b) a fase de produção e acabamento, que “compreende o processo vivenciado pelo paciente”, (FRANCISCO, 2008, p.39, 40).

6.3 SESSÃO DE EXPERIMENTAÇÃO OLFATIVA

O sistema olfatório detecta substâncias que estão no ar e seu receptor específico é o nariz (LENT 2010, p.340).

Os cheiros ou odores (é assim que me referirei) captados pelo nariz podem ser percebidos de perto ou de longe e servem como detectores que podem nos orientar, nos fazer reconhecer ambientes, pessoas, lugares, alimentos. Os odores podem também emitir sinais de alerta, de perigo, como o cheiro de algo queimando, ou que podem causar irritação, alergias.

Bem como nos trazer à memória sentimentos, lembranças. Enfim, “cheirar é se emocionar sempre” (OLIVEIRA, 1987).

Conforme Fuentes *et al* (2011) é possível perceber a diferença dos odores de acordo com a percepção olfativa de cada ser humano, sua “natureza e significado”. Os odores são reconhecidos e interpretados pelo cérebro: isto também torna a experiência olfativa singular para cada sujeito.

Apesar de alguns cheiros serem característicos, algumas pessoas possuem disfunções olfativas que podem ir desde a detecção parcial a problemas de identificação do odor. Tais disfunções vão desde a anosmia: a falta total da detecção de odores; até a hiposmia: sensibilidade diminuída; e ainda a hiperosmia: sensibilidade aumentada; a disosmia: que é a percepção distorcida do olfato; a fantosmia: uma “sensação olfativa percebida na ausência de um estímulo odoroso” ou até agnosia: “falta de reconhecimento de uma sensação odorosa, embora o processamento olfativo, a linguagem e as funções intelectuais estejam essencialmente intactos” (FUENTES *et al* 2011, p.366).

Na sessão de experimentação olfativa, em todos os períodos foi feita a proposta de cada aluno trazer algo com cheiro característico, tendo sido recorrente a produção final de sachês. O relato aqui apresentado se refere a um montante significativo de quatro períodos, conforme apresentado na Metodologia (p.20).

Foi solicitado que cada aluno levasse algo que remetesse ao cheiro que gostasse, tendo sido sugerido que pensasse em algo com cheiro e que cada um também pudesse se abrir para novos odores. Eventualmente, foi sugerido que fosse visitado o “Mercadão de Madureira” (um local onde poderiam encontrar essências e

também aromas naturais, vindos de ervas, plantas, folhas, etc.) ou que simplesmente procurasse no seu ambiente doméstico o cheiro que caracteristicamente lhe atraísse por alguma percepção específica, contanto que fosse algo palpável e possível de ser levado para a aula.

Antes de iniciar a produção específica de sachês, os alunos são convidados pela professora a fazerem uma roda e colocarem o que levaram em cima da mesa, que é posicionada no centro da roda. Logo após são convidados a experimentar (cheirar) as diversas “coisas” que cada aluno levou. Dentre as “coisas” estão ingredientes (café, chocolate em pó, açúcar, pimentas diversas, chás e etc.); essências (lavanda, nardo, floral, bebe, madeira e etc.) e até alguns objetos pessoais pequenos.

Geralmente os alunos passam a refletir sobre o que levaram e porque levaram determinada “coisa”. E então começam a expor o motivo que fez com que cada um levasse determinado “cheiro” (não que o cheiro seja algo palpável, mas tem a apresentação de algo palpável ou é provocado por este algo palpável). Assim vão surgindo histórias, afetos, preferências alimentares (pelo cheiro!), lembranças e o questionamento da diferenciação dos odores e a percepção de como cada um sente cada cheiro: o que para uns é um odor agradável, para outros pode não ser.

Surgem comentários como: “eu não suporto cheiro de perfume doce, prefiro os cítricos” e vice-versa (mas, doce e cítrico não são percebidos pelo paladar?!); “eu gosto do cheiro do café, me lembra a minha avó”. Ou “não suporto sentir cheiro de café, me dá enjoo”. Cheiros “fortes” e “fracos”, cheiros “familiares” e tantos outros comentários vão fazendo com que os alunos reflitam sobre o impacto de tal experimentação. Conforme vão falando, a professora vai escrevendo no quadro as frases que cada aluno diz, sendo possível que eles mesmos visualizem o quanto cada um se expressa de forma diferente sobre a mesma experimentação.

A professora costuma ressaltar sobre a importância do olfato e como esse sentido pode ser apurado em umas pessoas e em outras não.

Identifiquei no quarto parágrafo as especificidades referentes à olfação, pois dentre todas as sessões de experimentação houve uma que chamou mais nossa atenção: havia entre nós quem, por uma determinada patologia, perdeu a

possibilidade de sentir os odores e possuía apenas a lembrança de um único cheiro específico de um lugar e mesmo não sentindo atualmente o odor, quando estava neste determinado lugar referia sentir o que este exalaria.

Devido ao relato deste aluno com anosmia (ausência de percepção de odores), a turma deste período específico vivenciou uma experiência diferenciada, e se colocou a refletir não só sobre como os odores podem ser sentidos de forma diferente e causar diferentes sensações e sentimentos, mas até mesmo quando não se sente qualquer odor: como seria possível viver sem este sentido em sua totalidade? Quais estratégias de proteção podem ser adotadas?

A partir da experimentação e do relato foi possível a cada aluno permitir-se afetar em relação a si próprio e ao outro, além de refletir sobre as influências que o ambiente pode ter sobre o sentido do olfato. Houve alunos que relataram estar surpresos quanto ao fato de algumas pessoas não poderem sentir cheiro: “Pensei que todos pudessem sentir o cheiro de qualquer coisa, independente da idade”.

Depois da roda de conversa, cada aluno costuma produzir o seu sachê a partir do material ou objeto levado ou trocar com outro ou partilhar e chegar a outro produto final. Alguns produzem para si próprios, outros produzem para presentear, pensando em alguém. No final da aula todos saem com seus sachês carregados de histórias de vidas e tessituras que foram construídas ao longo dos diálogos e produção.

Vale ressaltar que em um dos períodos a discussão sobre o assunto foi tão longa e os diálogos e reflexões tomaram a turma de tal forma que não foi possível à produção do sachê devido ao término do horário da aula.

6.4 SESSÃO DE EXPERIMENTAÇÃO AUDITIVA

Quem nunca assistiu a um filme? O impacto causado pela trilha sonora nos emociona e às vezes não. Dependendo do som ficamos com medo ou nos alegamos. Pelo som é possível perceber se o filme é triste, se é de terror, de suspense, aventura, se é um filme romântico. Há sons tão marcantes que só em ouvirmos, lembramos a que se refere. É certo que nem sempre é desta forma que acontece, pois para algumas pessoas o som pode não existir ou se apresentar auditivamente diferente do que a maioria das pessoas ouve.

Não abordaremos aqui os âmbitos das patologias relacionadas ao sistema auditivo, pois nas sessões nós nos permitimos experimentar a forma como percebemos ou não os sons.

De acordo com Baldo (2011, p. 267) “sabemos que a audição é a capacidade de perceber os sons. Som é a perturbação vibratória do ambiente que permite a audição”.

O sistema auditivo humano é capaz de perceber sons entre 20 e 20.000 Hz. Essa faixa perceptível é chamada espectro audível. Na verdade, essa faixa tão extensa só existe para as crianças recém-nascidas; os adultos geralmente não alcançam mais que 15 kHz, e os idosos perdem ainda mais a percepção das altas frequências. [...] Somos mais sensíveis às frequências em torno de 2.000 Hz, justamente a faixa de frequências que cobre a maior parte dos sons da fala (BALDO, 2011, p. 270).

Na sessão de experimentação auditiva buscamos ouvir os sons e os impactos ou não que eles têm sobre cada um de nós, a forma como um som pode nos afetar e mexer com nossas emoções.

Nos períodos a que se refere este trabalho foram feitos dois tipos de experimentações auditivas. Em dois períodos a turma fez visita externa à Universidade; e em outros dois a experimentação foi feita em sala de aula.

Na sessão externa os alunos visitaram o Parque Lage, localizado no Jardim Botânico, RJ, aos pés do Morro do Corcovado. Foi proposto aos alunos que enquanto andávamos pelo local, além de se deslumbrarem visualmente pela natureza e arquitetura ali evidenciadas, pudessem estar em silêncio e se atentarem para os sons ali existentes ou não e que se permitissem ouvir os sons do ambiente que os cercava, pois esta era o propósito de estarmos ali.

Árvores, plantas, lagos, chafarizes, ilhas artificiais, grutas, cavernas, aquários, edificação, pássaros, micos, insetos [...] e verde, muito verde.

Após os alunos observarem auditivamente e explorarem o local, nos reunimo-nos para conversar sobre as percepções e o que foi possível para cada um ouvir ou não e como isso se deu em seu interior.

Em sua quase totalidade a turma se referiu ao ambiente, como se fosse um lugar que não fazia parte da “barulhenta” cidade do Rio de Janeiro, um local onde conseguiam não ouvir o barulho dos carros e então perceber a natureza ao seu

redor. Bem descrito por Pederneiras (*apud* Liberman 2007, p. 256) “A vida é uma mistura de barulhos e silêncios”.

“Eu ouvi o barulho do mico”; “eu estou ouvindo barulho da água”; “escuta o pássaro cantando”. Cada aluno fala do que ouviu, e começam as reflexões, pois uns conseguiram ouvir determinados sons e outros não, uns relataram uma “paz” por estarem naquele ambiente “silencioso” onde podiam ouvir outros sons. Em sua maioria os alunos relataram que não estavam acostumados a se atentarem aos sons e que nunca se propuseram a ouvir como durante a disciplina. Uma aluna relatou que o local “proporciona a experimentação de todos os sentidos” e que havia conseguido ouvir o grilo, “só ouvir, porque não foi possível vê-lo”.

Na sessão feita em sala de aula, em um período a experimentação foi proporcionada por uma musicoterapeuta e uma psicóloga convidadas, e em outro período pelas monitoras, sob a orientação e supervisão da professora da disciplina.

Nos dois períodos da experimentação em aula foi solicitado aos alunos que pegassem papel e caneta para que pudessem anotar o som que iriam ouvir e o que sentiram ao ouvi-lo, tendo sido solicitado que fechassem os olhos para que pudessem se atentar somente para o que ouviam e não fossem dispersos pela visão. Foi colocado um determinado som, por média de um minuto e meio. Após o som parar eles poderiam abrir os olhos e cada um fazer sua anotação, conforme solicitado, e assim se sucedeu com todos os sons colocados.

Depois de ouvirem todos os sons e anotarem, em roda, foi colocado novamente o som e conforme cada som era ouvido, os alunos diziam o que escreveram e o que sentiram.

Em um dos períodos o primeiro som foi o “não som”, o “silêncio”, no qual alguns alunos relataram que conseguiram ouvir o som do ar condicionado, as palmas em outra sala, e o que na verdade era para ser o silêncio já não era. Mas foi possível perceber na ausência de som mais alto e mais próximo outros sons que estavam mais distantes e ou em volume mais baixo.

Houve aluno que relatou ser “difícil só escutar as coisas e não ver e não falar”; e também quem tenha se mostrado surpreso ao perceber que o estímulo

havia sido oferecido a todos de igual forma, porém “as pessoas escutavam coisas diferentes e sentiam de forma diferente”.

Alguns alunos conseguiram identificar o som de uma pessoa correndo em uma floresta. Porém uns referiram sentir agonia; o som “parecia que alguém estava fugindo de uma floresta”; outros relatavam ser apenas uma pessoa correndo; houve quem entendeu que havia sido colocado fogo na floresta. O som de uma criança rindo, para uns foi de alegria, outros relatavam estar agoniados, pois não conseguiram identificar se era riso ou choro.

E assim os alunos foram expondo o que ouviram e sentiram sempre levados a refletir como a sensação e a percepção são distintas entre si e como é singular a forma com que cada um se afeta ou não. O que um escuta nem sempre é o que o outro escutou como ocorreu no som que alguns alunos falaram ser de tempestade; e o som apresentado era o som de chapas de raios-X.

No decorrer de todo o diálogo a professora ia orientando os alunos acerca da Terapia Ocupacional e a relevância de escutar o outro e não somente ouvir.

De acordo com Bastos (2009, p. 5, ‘grifo nosso’):

É preciso estabelecer uma diferença fundamental entre **ouvir** e **escutar**. **Ouvir** nos remete mais diretamente aos sentidos da audição, ao próprio ouvido, enquanto **escutar** significa prestar atenção para ouvir, dar ouvido a algo.

Foi proporcionado que cada aluno pudesse refletir sobre como tem sido a sua escuta e como precisa ser para lhe dar com o outro; de se pensar nesse processo de escuta.

Pensamos como Liberman (2007, p. 277) “Ouvir não é sinônimo de passividade – restringir-se a entender o que entra pelos ouvidos, procurar identificar o significado do som. Na audição importa tanto ou mais o como do que o que se ouve”.

6.5 SESSÃO DE EXPERIMENTAÇÃO VISUAL

“Ao abrir os olhos, estamos também reativando todos os sentidos e convidando nosso corpo para a experiência, a cada dia renovada; do encontro com o mundo“ (LIMA, 2004, p.2).

Na sessão de experimentação visual foram feitas propostas diferentes entre os períodos citados na Metodologia. Este trabalho referenciará três tipos de experimentações visuais feitas em períodos diferentes, em um dos quais também foi possível a experiência da possibilidade do não ver (apesar da experimentação ser visual).

Em todos os períodos foi solicitado aos alunos que fizessem a leitura do artigo da terapeuta ocupacional Elizabeth Lima, intitulado: “A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional”.

Antes de iniciar a descrição desta experimentação gostaria de diferenciar olhar e ver, pois serão palavras constantemente utilizadas.

Conforme Gil (1996, *apud* Lima, 2004, p.3, ‘grifo nosso’) “o **olhar** não se limita a ver o visível [...] o **olhar** cria sentido para aquilo sobre o qual se debruça e devolve esse sentido”. Já “**ver** é um ato marcadamente perceptivo”.

A primeira experimentação visual que irei relatar é de um determinado período onde fomos para o Museu da República, localizado no Palácio do Catete, no bairro do Catete - RJ para o qual conseguimos gratuidade para a entrada de toda turma.

Nesta visita externa a proposta foi que ao estarmos no interior do Museu, nos colocássemos a “olhar”, e não somente a “ver” ou “passar os olhos” sobre as obras, e assim ordenadamente fomos passando salão por salão do Museu e em cada salão os alunos tinham a liberdade de se atentarem para a obra que escolhessem olhar ou simplesmente para o próprio salão e a arquitetura nele expressa.

Ao término da visita, fomos para o Jardim do Palácio do Catete, sentamo-nos em roda e dialogamos sobre a experimentação. Alguns alunos relataram estar surpreendidos, pois costumavam visitar o Museu e o Jardim do Palácio, mas nunca tinham se colocado a “olhar” da forma como fora proposto na disciplina: “nunca

reparei que na sala de refeição tinha alimentos desenhados na parede”; “parar e pensar na história, no que aconteceu na sala de reuniões”. Houve um aluno que precisou sair de uma determinada sala, pois, relatou estar se sentindo mal com tanto estímulo visual: “Me dá dor de cabeça, todas essas cores juntas, incomoda a minha visão, sou muito sensível a isso”.

Cada aluno que se sentiu à vontade foi relatando a experiência e como perceberam a diferença ou não ao seguir a proposta da disciplina, tendo sido levantada a reflexão do porquê se atentaram para determinada obra; ou se todos escolheram a mesma obra; e como isso é singular a percepção de cada um.

A segunda experimentação visual se refere a outro período e foi feita em sala de aula.

A professora convidada Amanda Oliveira pediu que a turma se dividisse em grupos e distribuiu livros com obras de arte de diferentes autores. A proposta inicial foi que cada grupo escolhesse, dentre os livros, uma imagem que gostaria de reproduzir no papel. Cada membro do grupo deveria reproduzir a imagem escolhida por todo o grupo e assim sucedeu.

Após todos terem terminado, de acordo com o tempo proposto, a professora solicitou que cada grupo fosse à frente falar sobre a obra que escolheram, o que estavam vendo e também sobre o que cada um reproduziu.

Um grupo escolheu a obra Salto da Garrocha de Francisco Goya (1815):

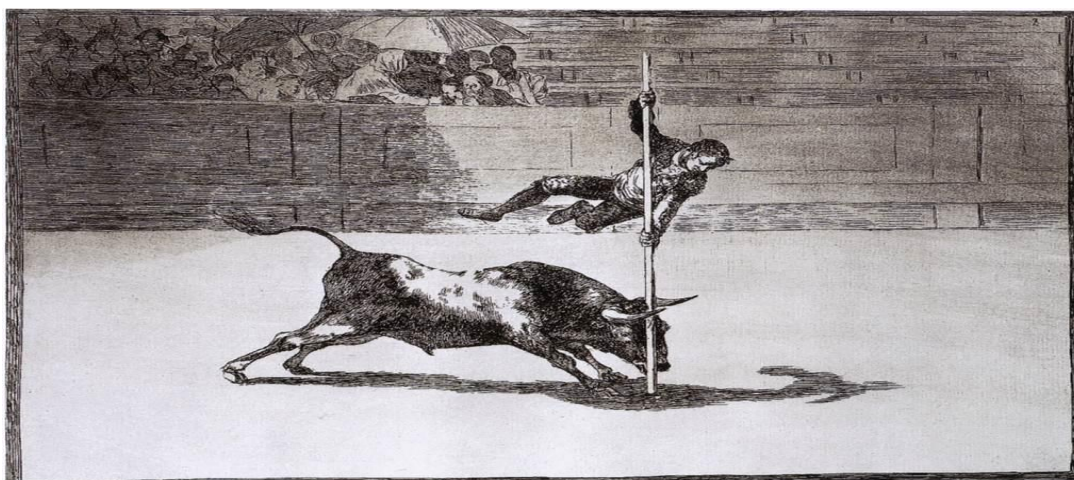


Figura 15: Salto da Garrocha – Francisco Goya (1815)

Fonte: Disponível em: <http://www.sightswithin.com/Francisco.Goya/Page_17/> acessado em 22/10/2017.

O grupo foi à frente falar sobre a obra que escolheram e como foi proposto pela professora, começaram a descrever o que estavam vendo: “Um toureiro ferindo o touro”; “o touro está triste, ferido e sangrando”; “não, o toureiro não feriu o touro”; “eu acho que a sombra parece com um cachorro”; “não, parece um bode”; “acho que o touro está irritado”.

Cada aluno foi dizendo o que via na imagem, porém a professora alertou aos alunos para que apenas descrevessem o que estavam vendo, pois o que eles estavam fazendo era interpretar a imagem, cada um à sua maneira.

Precisavam apenas observar e descrever o que viam: Um touro, uma pessoa suspensa pelo bastão apoiado no solo à frente da cabeça do touro e umas pessoas na parte de trás.

A imagem não dizia se o touro estava triste, se estava com dor, se estava ferido, sangrando, era apenas um desenho, uma obra de arte, essas suposições foram colocadas por nós pelos nossos achismos e interpretações.

Após falarem da obra, o aluno que se sentisse à vontade podia mostrar a sua reprodução e falar sobre ela. Em sua maioria, os alunos desenharam de formas diferentes a mesma imagem. Isto nos mostrou que o ato de ver é singular para cada ser humano. Cada um reproduziu da forma como viu a imagem.

Ao término da atividade fizemos uma roda, dialogamos e refletimos sobre a relevância de não inculcarmos o que é nosso naquilo que estamos vendo, de fazermos o exercício de olhar e não de julgar.

Relatou um aluno:

Para mim esse trabalho foi muito significativo [...] eu entendi e percebi como é fácil nós julgarmos e preconcebemos uma ideia negativa de determinada pessoa, religião ou cultura. Aprendi que a observação por si só é de extrema importância para mim como indivíduo e como futura terapeuta ocupacional.

A terceira experimentação visual feita em período diferente dos relatados: foi a de “não ver” (apesar de ser uma sessão de experimentação visual).

Neste período conseguimos, com empenho das duas monitorias, a gratuidade para a mostra “Diálogo no Escuro” que esteve no Rio de Janeiro em 2016, no Museu Histórico Nacional.

O conceito da exposição Diálogo no Escuro é mostrar como é o mundo sem o sentido da visão. Os visitantes são conduzidos por guias deficientes visuais através de salas totalmente escuras e especialmente construídas, em que cheiro, som, vento, temperatura e textura apresentam as características de ambientes cotidianos como parques, ruas, comércios e praias (DIALOGO NO ESCURO, 2017).

Desde o nosso nascimento somos impregnados por aquilo que nos rodeia e por estarmos tão expostos à visão por vezes deixamos de olhar (LIMA, 2004), como relatou Evgen Bavcar, o fotógrafo cego, do documentário “Janela da Alma” (2001):

Vocês são cegos, porque, atualmente vivemos em um mundo que perdeu a visão. A televisão nos propõe imagens, imagens prontas e não sabemos mais vê-las, não vemos mais nada, porque perdemos o olhar interior, perdemos o distanciamento, em outras palavras vivemos em uma espécie de cegueira generalizada.

Mesmo parecendo contraditório, no exercício de fecharmos os olhos conseguimos de alguma forma apurar os nossos outros sentidos e nos guiarmos por eles, abrindo a nossa percepção para aquilo que não é visível, para o que pode ser sentido.

A visita ao espaço da mostra foi feita em grupos de oito alunos por vez e para que fosse possível toda turma participar, o tempo de visitação foi reduzido exclusivamente de 1 hora para 45 minutos.

A solicitação feita para todos (alunos, monitoras e professora) foi que deixassem seus pertences e celulares nos armários, pois, para a segurança e envolvimento na proposta, não poderíamos entrar com objetos.

Como a mostra se caracteriza por ser um circuito em um ambiente totalmente desprovido de luz, algumas instruções são dadas logo no início antes de entrarmos: caso alguém se sinta mal e não consiga prosseguir, deve ficar parado no lugar e chamar o guia (cego ou com baixa visão), que procederá à retirada da pessoa do local; caso alguém encontre alguma porta na escuridão no interior do circuito não deve abri-la, a não ser que o guia solicite; todos devem procurar seguir a voz do guia e estar sempre se referenciando em quem está na sua frente e atrás; por último,

todos devem ter cuidado ao manusear a bengala (que é entregue a cada um) para não machucar ninguém, sempre a mantendo para baixo.

Não relatarei aqui como é o circuito em si, os caminhos e lugares que visitamos dentro dele para não tirar a grandeza da experimentação e a chance de cada um poder um dia experimentá-la e se surpreender.

Grupo a grupo foram entrando enfileirados conforme os guias iam permitindo.

Em um dos grupos (o que eu estava) apesar de “todos” dentro do circuito relatar que estavam à vontade, houve uma pessoa que não suportou a experimentação, procurou a todo instante o guia, gritando o seu nome e sempre estava segurando alguém. Ela, porém, não desejou sair e permaneceu até a parte final do circuito, onde ficamos em uma sala com uma iluminação baixa, apenas para adaptar novamente a visão a olhar a claridade. Nesse momento aproveitamos para dialogar entre nós e com o guia. A pessoa que não estava suportando estar em total escuro, nesse momento estava chorando e relatou estar emocionada por ver a luz.

Nesta experimentação foi possível refletirmos sobre como temos utilizado a nossa visão.

De acordo com Lima (2004, p.3) “Essa experiência excessiva, [...] ininterrupta do ato de ver, faz com que o banalizemos e o realizemos de forma tão automática que não chegamos a atentar de fato para aquilo que nos impregna a retina”.

Nos diálogos e reflexões sobre essa experimentação foi possível refletirmos sobre como temos utilizado a nossa visão, se temos nos colocado a olhar, a observar, se temos dado atenção para aquilo que nos propusemos a olhar a ver além daquilo que está diante dos nossos olhos.

Diante da exposição de tantos sentimentos, angústias, medos e valorizações referentes à visão, foram unânimes o relato da turma referindo que passaram a ter uma nova visão do olhar e da vida.

Sugiram muitas falas como:

“Foi usar os sentidos de forma plena, ver a adaptação do cérebro à memória visual das coisas que ‘vimos’ lá dentro. A percepção foi que uso os meus outros sentidos de forma negligente por causa da visão”.

“Foi difícil inverter os papéis, ‘enxergar’ confiando nos outros. No início fiquei apavorada, mas depois senti curiosidade. Percebi que dou mais atenção para a visão e acabo ligando menos para os outros sentidos”.

“No início senti insegurança, mas foi sensacional. O olhar humano é superficial, vou dar mais valor aos meus outros sentidos”.

“Sociedade do século XX, possui olhos, vê, mas não enxerga”.

“Tive alívio ao ver a luz, senti medo só de pensar em não enxergar”.

“No início deu falta de ar, mas aos poucos acostumei e usei o tato, o olfato e a audição. Vou ver o mundo com outra perspectiva”.

“A disciplina está me mostrando diferentes formas de lidar com o outro, sensibilidade”.

E assim seguiu o diálogo, com todos expressando o que sentiram e refletindo também sobre o ver e o não ver e a relevância do olhar para nossa futura prática como terapeutas ocupacionais. Lembro-me das belíssimas palavras do pintor Matisse (1953, p.12 *apud* Lima, 2004, p. 3):

Para pintar uma rosa é preciso primeiro esquecer todas as rosas já pintadas, vê-la como se fosse pela primeira vez e buscar sua verdade nessa visão que é também revelação. A pintura se dá, assim, numa experiência que é simultaneamente de encontrar a rosa e criar uma rosa, diferente de todas as outras e que porta a marca de singularidade daquele que a criou.

Todavia, com a devida significância, faço minhas as suas palavras propondo algumas alterações, explicitadas em negrito:

Para **cuidar** de uma **pessoa** é preciso primeiro esquecer todas as **pessoas** já **cuidadas**, vê-la como se fosse pela primeira vez e buscar sua verdade nessa visão que é também revelação. O **cuidar** se dá, assim, numa experiência que é simultaneamente de encontrar a **pessoa e estar com a pessoa**, diferente de todas as outras e que porta a marca **da sua própria** singularidade.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os cinco sentidos experimentados na disciplina de Laboratório “A” fazem parte do ser humano, mesmo existindo pessoas que, por algum motivo, sejam ou estejam desprovidas parcial ou totalmente de um ou mais destes sentidos.

Essa potência dos seres vivos e dos humanos faz com que possamos, nos reconhecer e conhecer, produzir e construir o nosso lugar no mundo; faz com que possamos nos orientar e perceber o ambiente ao nosso redor; afetarmos e sermos afetados; faz com que possamos sentir o toque e perceber o tipo do toque, um toque de carinho, de advertência, de dor, a pressão de uma mão ou objeto sobre o nosso corpo (SERRANO, 2016); faz com possamos perceber o olhar e o que, mesmo sem palavras, ele nos diz; perceber os cheiros, bons, ruins, agradáveis, desagradáveis, os cheiros que nos alertam, nos trazem lembranças e sentimentos, para alguns, alergias; faz com que possamos escutar o que nem sempre as palavras conseguem expressar, faz com que uma simples refeição vire um momento de compartilhamento, de trocas.

Em algumas experimentações houve um clamor de alguns alunos para que alguns sentidos fossem “retirados”, por exemplo, os olhos vendados, para que o olhar não desviasse a atenção das mãos, do nariz ou do ouvido; o nariz tapado para que tentassem sentir o sabor sem a concomitância do cheiro. A reflexão trazida pelos alunos era: “o que os olhos podem ter a ver com o que comemos, ou tocamos ou ouvimos?” E “o que tem a ver taparmos o nariz durante uma experimentação gustativa, se não comemos por ele, mas pela boca?”. Os sentidos agem de forma conjunta, agregados na constituição da experiência, por isso um “clamor” por tentar fazer com que um sentido não influenciasse o outro.

Em um extraordinário esforço, na disciplina é proposto experimentarmos os sentidos de forma dissociada. Digo “extraordinário esforço” porque certamente parece impossível separá-los, a não ser na ausência patológica de algum (s) sentido (s). Tal artifício é unicamente didático e tem como objetivo ressaltar em cada estudante cada um dos sentidos, constituindo-se em conscientização singular de cada sentido.

Diante de tanta diversidade proporcionada pelos sentidos, a partir das experiências propostas na disciplina, torna-se tarefa inexecutável mensurar

quantitativamente os impactos das experimentações sensoriais na vida de cada aluno (e certamente de qualquer pessoa), junto ao aprendizado para a futura prática profissional, visto que as experimentações têm um sentido empírico. Não é possível quantificar o quanto um cheiro foi agradável ou não, o quanto um sabor despertou sentimentos ou não; o quanto a falta de um sentido trouxe à tona emoções ou não, o quanto alguém se afetou de alguma forma pelo outro ou não.

Em todas as experimentações, porém, foi possível analisar qualitativamente as respostas dos alunos, que em sua maioria mostraram interesse por participar das propostas e demonstraram, dentre outros sentimentos, espanto, pois em geral nunca haviam se colocado a experimentar os sentidos do próprio corpo e a refletir sobre sua experimentação da forma como foi feito na disciplina.

Satisfação e afetação variando de acordo com as sessões e os impactos destas, sendo positivos ou negativos, foram também diferentes em cada pessoa da turma, conforme demonstrado em todo corpo do trabalho.

Em seu trabalho, Lima (2015, p. 186) mostra que “o tema do desconhecimento dos alunos em relação aos seus corpos é recorrente” em reuniões entre docentes. Com a didática da disciplina de Laboratório “A”, a primeira disciplina prática específica do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFRJ, é possível a cada aluno se permitir ter o encontro consigo mesmo, com o outro e com o ambiente ao seu redor, refletindo como por este pode ser influenciado ou modificado em sua forma de se perceber e perceber o outro de acordo com suas singularidades.

Mesmo que talvez no primeiro período os alunos ainda não possuam a plena consciência do aprendizado da disciplina de Laboratório “A” para sua futura prática clínica em Terapia Ocupacional, no decorrer dos períodos, à medida que vão tendo os conteúdos completados por outras disciplinas do curso, os alunos vão se possibilitando refletir e vivenciar de outras formas o que aprenderam em Laboratório “A”, principalmente em seu período de estágio, no qual terão possibilidade da prática clínica com o outro.

Pelas vivências e aprendizado compartilhados na disciplina foi possível, primeiramente como aluna e depois como monitora, construir um olhar diferenciado,

que me permite olhar o outro com “sensibilidade” e atentar para detalhes na prática clínica (a princípio como estagiária) que provavelmente antes não me atentaria.

Foi possível, estagiando em um hospital de alta complexidade, estar com crianças em sua atividade central, o brincar, e poder *olhar* os seus lábios e dedos ficando cianóticos, indicando que era necessário diminuir o ritmo da brincadeira, sentar, baixar as mãos para que o sangue circulasse com mais facilidade; foi possível *perceber* o peito se movendo rapidamente, indicando aceleração dos batimentos cardíacos; *olhar* a modificação do semblante da criança e sua mudança de cor, podendo indicar baixa ou alta repentina da pressão.

Quantas percepções vinculadas ao aprendizado de Laboratório “A” eu pude exercitar: o olhar e não apenas ver (como mencionado no capítulo 6.5, p.53), a utilização do tato, verificando a temperatura da pele, a audição, sendo possível escutar o ritmo da respiração aumentando. No momento citado não foram utilizados quaisquer equipamentos para averiguar quantitativamente o que estava ocorrendo. Mas com uma afetação e observação sensorial e sensível de tudo e todos no contexto, foi possível, mesmo quando as mudanças eram sutis, intervir modulando a atividade e modificando o modo de realizá-la.

As experimentações na disciplina de Laboratório “A” nos faz pensar em saúde, bem como o processo da clínica e suas possibilidades, não apenas na forma de tecnologia “dura”, que pode ser vista como as estruturas e equipamentos tecnológicos e nem tecnologia “leve dura”, relacionada aos saberes estruturados; mas nos convida a nos envolver nas tecnologias “leves” e ver nelas possibilidades para a clínica, (MENHY, 2006 *apud* VAZ, FONTES, 2010) através de afetos, da construção de vínculos, olhando o outro como um todo.

A disciplina traz consigo um modelo de formação propício a potencializar o aluno para práticas de saúde humanizada nas quais o se conhecer permite refletir, compreender e respeitar a individualidade e singularidade do outro, que num futuro poderá ser o seu paciente, cliente. De acordo com (Brasil, 2010, p. 11) “Formação significa, sobretudo, produção de realidade, constituição de modos de existência”, o que nos é permitido vivenciar em Laboratório “A”.

Nas experimentações são proporcionados que os alunos reflitam sobre os domínios e processos da Terapia Ocupacional conforme consta na revisão da AOTA (2015), sobre o contexto cultural, pessoal, temporal; sobre o ambiente físico, social; sobre as habilidades motoras; funções sensoriais, dentre tantos outros aprendizados, assim como o:

Uso terapêutico de si [...] assegurando que os profissionais se conectem com os clientes em um nível emocional para ajuda-los em sua situação de vida atual [...] desenvolvem um relacionamento colaborativo com clientes para entender suas experiências e desejos com a intervenção (AOTA, 2015, p. 12).

Possibilita aos alunos compreender por meio da experiência e reflexões a relevância da análise da atividade, sendo esta:

Um processo importante usado pelos profissionais da Terapia Ocupacional para compreender as demandas de atividades específicas de um cliente: *Análise da atividade* aborda as demandas típicas de uma atividade, a gama de habilidades envolvidas no seu desempenho, e os vários significados culturais que podem ser atribuídas a ela (Crepeau, 2003, pp. 192-193 *apud* AOTA, 2015, p.13).

Conforme a World Federation of Occupational Therapists – WFOT (2012, ‘tradução google’):

A Terapia Ocupacional é uma profissão de saúde centrada no cliente, preocupada com a promoção da saúde e do bem-estar através da ocupação. O principal objetivo da Terapia Ocupacional é permitir que as pessoas participem das atividades da vida cotidiana. Os terapeutas ocupacionais alcançam esse resultado trabalhando com pessoas e comunidades para aumentar sua capacidade de se envolver nas ocupações que desejam, precisam ou devem fazer, ou modificando a ocupação ou o meio ambiente para apoiar melhor seu envolvimento ocupacional.

Sendo assim a formação do aluno e futuro terapeuta ocupacional precisa permitir a percepção de si para lidar com o outro e estar centrado no outro; conhecer a afetação do seu próprio corpo que não está separado da clinica, mas que necessita fazer parte dela, e mesmo com este envolvimento não pode se perder, mas precisa achar o equilíbrio, o ponto em que a clínica se dará e trará os seus resultados.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou documentos, relatos e reflexões de uma monitoria e uma formação acadêmica significativa e importante, na qual foi possível *dar sentido aos sentidos*, descrever aquilo que no decorrer da graduação mais me impactou como forma didática-prática para a vivência dos conteúdos e fundamentos da Terapia Ocupacional na disciplina de Laboratório “A”: as experimentações sensoriais.

Faço então, uma primeira recomendação para o nosso Curso de Graduação em Terapia Ocupacional: que no site *Notícias TO UFRJ* sejam incluídos no link da disciplina, o seu quadro histórico; a sua ementa, os objetivos, o programa, a metodologia, a forma de avaliação e as bibliografias básicas utilizadas, uma vez que esses documentos compõem a disciplina de Laboratório “A”, sempre em construção.

Refletindo sobre o nome desta tão enriquecedora disciplina para a formação em Terapia Ocupacional: Laboratório de Terapia Ocupacional “A”, foi possível perceber que infelizmente não nos ajuda a compreender a que se refere. Pois qual a primeira coisa que pensamos quando lemos ou ouvimos a palavra “laboratório”? Talvez em algo mais enrijecido no qual se utilizem tubos de ensaio ou se façam pesquisas biológicas.

Na verdade estamos falando de um laboratório no qual a experiência são os cinco sentidos do corpo, onde acontecem possibilidades de abertura do visível e do invisível, de um corpo que pode ser impactado ou não, um corpo que vai se construindo em meio a inúmeras possibilidades do experimentar e do se afetar.

Deixo aqui então, uma segunda recomendação para que o nome da disciplina se reportasse ao que realmente é, de forma que quem lesse ou ouvisse pudesse compreender a que esta se refere. Em conformidade a fala de grande parte dos alunos ela deveria ser chamada de “Laboratório dos afetos”.

REFERENCIAS

AMERICAN OCCUPATIONAL THERAPY ASSOCIATION, AOTA. **Estrutura da Prática da Terapia Ocupacional**: domínio e processo. [Traduzido para o português por CAVALCANTI, Alessandra *et al.*] 3º ed. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade De São Paulo, Brasil, 2015.

BALDO, Marcus Vinícius C. Organização Geral dos Sistemas Sensoriais. In: Aires, Margarida de Mello, colaboração de Ana Maria de Lauro Castrucci. [et al.]. **Fisiologia**. 3º ed. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. p. 234–278.

BASTOS, Alice Beatri B. Izique. A escuta psicanalítica e a educação. **Psicólogo informação**, vol.13 nº13 São Paulo out. 2009. ISSN 1415-8809.

BRASIL. Imprensa Nacional – Casa Civil da Presidência da República. Portaria – 112 de 14 de fevereiro de 2014. Dispõe sobre reconhecimento de cursos. **Lex**: Diário Oficial [da] União, Brasília, DF. Seção 1, 17/02/2014 p. 18. Disponível em: <<http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=17/02/2014&jornal=1&pagina=18>>. Acesso em: 01/09/2017.

_____. Ministério da Educação e Cultura – MEC. Reconhecimento e Autorização do Curso de Terapia Ocupacional da UFRJ, 2017. Disponível em:< <http://emec.mec.gov.br/emec/consulta-cadastro/detalhamento/d96957f455f6405d14c6542552b0f6eb/NTg2/9f1aa921d96ca1df24a34474cc171f61/NDk>>. Acesso em: 01/09/2017.

_____. Ministério da saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. Formação e intervenção / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Política Nacional de Humanização. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 242 p. – (Série B. Textos Básicos de Saúde) (Cadernos HumanizaSUS; v. 1).

_____. Rio de Janeiro, Decreto – Lei nº 4831 de 5 de novembro de 1965. Dispõe sobre as novas denominações das Universidades Federais das cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. **Lex**: Diário Oficial [da] Republica Federal, Capital Federal, Rio de Janeiro. Seção 1, 12/11/1965 p. 11609. Disponível em: <<http://www.consuni.ufrj.br/index.php/legislacao>>. Acesso em 25/08/2017.

BRASIL. Rio de Janeiro. Lei nº 452 de 05 de julho de 1937. Organiza a Universidade do Brasil. **Lex:** Diário Oficial [da] República Federal, Capital Federal, Rio de Janeiro. Seção 1, 10/07/1937 p. 14830. Disponível em: <<http://www.consuni.ufrj.br/index.php/legislacao>>. Acesso em 25/08/2017.

_____. Rio de Janeiro, Decreto – Lei nº 8393 de 17 de dezembro de 1945. Concede autonomia, administrativa financeira, didática e disciplinar, à Universidade do Brasil, e dá outras providências. **Lex:** Diário Oficial [da] República Federal, Capital Federal, Rio de Janeiro. Seção 1, 20/12/1945 p. 18926. Disponível em: <<http://www.consuni.ufrj.br/index.php/legislacao>>. Acesso em 25/08/2017.

_____. Rio de Janeiro. Decreto nº 14.343, 07 de setembro de 1920. Institui a Universidade do Rio de Janeiro. **Lex:** Diário Oficial [da] República Federal, Capital Federal, Rio de Janeiro. Seção 1, 10/09/1920, p. 15115. Disponível em: <<http://www.consuni.ufrj.br/index.php/legislacao>>. Acesso em 25/08/2017.

CARVALHO, Maria Luiza Mello; ALMEIDA, Marcus Vinícius Machado. Laboratório de pesquisa e vivência sobre corpo. In: ENCONTRO PARANAENSE, CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS, XVII, XII, 2012. **Anais...** Curitiba: CENTRO REICHIANO, 2012, 8 f. [ISBN – 978-85-87691-22-4]. Disponível em: <www.centroreichiano.com.br/artigos>. Acesso em: 01/06/2017.> acesso em: 01/06/2017.

CASTRO, Eliane Dias de. Relação Terapeuta-Paciente. In: CAVALCANTE, Alessandra; GALVÃO, Cláudia. - [Reimpr.] **Terapia Ocupacional: fundamentação e prática.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014, p. 28-34.

CAVACO, Nico do. VALKI, Roni. FATINHA, Bisqüi da. **Samba enredo:** Amor venha desfrutar as 7 maravilhas do mundo! – Coletivo Carnavalesco Tá Pirando, Pirado, Pirou, Rio de Janeiro, 2011.

DIÁLOGOS NO ESCURO. Disponível em: <<http://www.dialogonoescuro.com.br/>>. Acesso em 22/10/2017.

DIDÁTICA. **Dicionário online Dicio.** Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/didatica/>>. Acesso em 11/09/2017.

DRUMMOND, Adriana de F. Fundamentos da Terapia Ocupacional. In: CAVALCANTE, Alessandra; GALVÃO, Cláudia. - [Reimpr.] **Terapia Ocupacional: fundamentação e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014, p. 10–16.

EXPERIMENTAÇÃO. **Dicionário online Michaelis**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/experimenta%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso 22/09/2017.

FRANCISCO, Berenice Rosa. **Terapia Ocupacional**. 5º ed. Campinas – SP: Papyrus, 2008, 96 p.

FUENTES, A. et al. Sensopercepción olfatoria: una revisión. **Revista Médica do Chile**, vol. 139 nº 3 Santiago, mar. 2011, p. 362 – 367.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008. 220 p.

IMPACTADO. **Dicionário online Dicio**. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/impactado/>>. Acesso em 24/09/2017.

JANELA DA ALMA. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Produção: João Jardim, Flávio Ramos Tambellini. Brasil. Ravina Films; Dueto Films. Out. 2001.

JORGE, Rui Chamone. **Psicoterapia Ocupacional: história de um desenvolvimento**. Belo Horizonte: GESTO, 1995. 155 p.

KATO, Dalva Maria Carvalho; SANTOS, Marilene Ferreira dos (Org.). **Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conselho de Ensino de Graduação – CEG: Resoluções 1969 – 2010. Regime Disciplinar (Regimento UFRJ 1972 – Parte IV)**. Ed. Gráfica UFRJ, 2010. 177 p.

LENT, Roberto. **Cem Bilhões de neurônios? Conceitos fundamentais de neurociências**. 2º ed. Atheneu. Rio de Janeiro – RJ. 2010, 740 p.

LIBERMAN, Flávia. **Delicadas Coreografias: Instantâneos de uma Terapia Ocupacional**. 2007. 304 f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica, Estudos da

Subjetividade) – Núcleo de estudos e Pesquisa da Subjetividade, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

LIBERMAN, Flávia. Delicadas Coreografias: Apontamentos sobre o corpo e procedimentos em uma Terapia Ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 18, n.1, p. 67-76, jan./abr. 2010.

_____. Flavia. LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. Um corpo de cartógrafo. **Interface**, Mar 2015, vol.19, n. 52, p.183-194. ISSN 1414-3283

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo. A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 42-48, maio/ago. 2004.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação a historia da Filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 11º ed. rev. e ampliada – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

MARCONDES, Júlia Leitão. FURTADO, Eliana Anjos. Um Novo Processo Educativo para Formação de Terapeutas Ocupacionais. In: SANTOS, Vagner dos. GALLASSI, Andrea Donatti (Org.). **Questões Contemporâneas da Terapia Ocupacional na América do Sul**. Curitiba: Editora CRV, 2014, 226 p.

MEIRA, João M. L. Argilas: O que são, suas propriedades e classificações. **Comunicações Técnicas – Visa Consultores**. Jan. 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. [Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura] 2º ed. - São Paulo: Martins Fontes, 1999. 662 p.

OLIVEIRA, Lucia Helena. Olfato: O sentido da vida. **Revista Super Interessante**, 1987. Disponível em: < <https://super.abril.com.br/comportamento/olfato-o-sentido-da-vida/>> acessado em: 13/10/2017.

SANTOS, Antônio Raimundo dos. **Repensando a Filosofia** – prólogo do comentário de Guilherme de Ockham às sentenças, Questão 1ª. Coleção filosofia 59, ed. Edipucrs, 1997, 122 p.

SENSAÇÃO. **Dicionário online Michaelis**. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sensa%C3%A7%C3%A3o/>>. Acesso em: 22/09/2017.

SIMÕES, Fabíola. Poesia: Sentimentos inclassificáveis. [Autora: Fernanda Gaona]. Disponível em: <<http://www.asomadetodosafetos.com/2016/04/sentimentos-inclassificaveis.html>>. Acesso em 26/09/2017.

TEIXEIRA, Mariomar. **Argiloterapia ou Geoterapia**: a terapia que vem da terra. out. 2017. Disponível em: <<http://www3.folhape.com.br/diversao/diversao/holistica/2017/10/12/NWS,44982,71,755,DIVERSAO,2330-ARGILOTERAPIA-GEOTERAPIA-TERAPIA-QUE-VEM-TERRA.aspx>>. Acesso em: 12/11/2017.

_____. **Ata da Centésima Nonagésima Primeira Sessão do Conselho Universitário**. Rio de Janeiro, Jun. 2008. Disponível em: <<http://www.consuni.ufrj.br/images/atas/ata12-06-08.pdf>>. Acesso em: 25/08/2017.

_____. **Ata da Centésima Nonagésima Segunda Sessão do Conselho Universitário**. Rio de Janeiro, Jun. 2008. Disponível em: <<http://www.consuni.ufrj.br/images/atas/ata26-06-08.pdf>>. Acesso em: 25/08/2017.

_____. **Ata da Centésima Nonagésima Sessão do Conselho Universitário**. Rio de Janeiro, Jun. 2008. Disponível em: <<http://www.consuni.ufrj.br/images/atas/ata05-06-08extraordinaria.pdf>>. Acesso em 25/08/2017.

_____. Departamento de Terapia Ocupacional: **Programa da disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A**. 2015.

_____. Departamento de Terapia Ocupacional: **Plano de aula da disciplina de Laboratório de Terapia Ocupacional A**. 2015.

UFRJ. **Estatuto da UFRJ**. Rio de Janeiro, out. 2014. Publicado no BUFRJ nº 33, de 13/08/2015. <disponível em: <http://www.consuni.ufrj.br/images/Legislacao/ESTATUTO_ATUAL_DA_UFRJ.pdf>. Acesso em: 25/08/2017.

_____. Faculdade de Medicina: **Curso de Terapia Ocupacional da UFRJ**. Disponível em: <<http://www.medicina.ufrj.br/to/>>. Acesso em: 01/09/2017.

_____. Faculdade de Medicina: Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da UFRJ. **Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional**. Disponível em: <http://www.medicina.ufrj.br/to/colchoes.php?id_colchao=260>. Acesso em: 01/09/2017.

_____. Faculdade de Medicina: Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da UFRJ. **O Curso**. Disponível em: <http://www.medicina.ufrj.br/to/colchoes.php?id_colchao=253>. Acesso em: 01/09/2017.

_____. Faculdade de Medicina: Curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da UFRJ. **Resumo das disciplinas do Curso de Terapia**. Disponível em: <http://www.medicina.ufrj.br/to/colchoes.php?id_colchao=261>. Acesso em: 16/09/2017.

_____. Notícias TO URFJ. **Disciplinas do Curso**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/noticiastoufrj/disciplinas-do-curso-de-graduacao-em-terapia-ocupacional-da-ufrj>>. Acesso em: 11/09/2017.

_____. Notícias TO URFJ. **Professores do Curso**. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/professorestoufrj/>>. Acesso em: 01/09/2017.

_____. Sistema Integrado de Gestão Acadêmica – SIGA. **Grade Curricular do Curso de Terapia Ocupacional**. Disponível em: <<https://gnosys.ufrj.br/Turma/gradeCurricular?cid=4200>>. Acesso em: 03/09/2017.

VAZ, Lisete Ribeiro. FONTES, Marisa Aguetoni. **Tecnologias de cuidado nos serviços de saúde mental do entorno do Campus Realengo/ IFRJ**: problematizando as condições de acesso dos usuários aos direitos sociais. Rio de Janeiro: POD, 2010. 34 p.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O Corpo Fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não verbal. 74 ed. - Petrópolis: Vozes, 2015, 154 p.

World Federation of Occupational Therapists – WFOT. **About Occupational.**

Disponível em:

<<http://www.wfot.org/AboutUs/AboutOccupationalTherapy/DefinitionofOccupationalTherapy.aspx>> acesso em: 25/10/2017.

_____. **Educational Programmes WFOT Approved**, 2017. Disponível em:

<<http://www.wfot.org/Education/EntrylevelEducationalProgrammesWFOTApproved.aspx>>. Acesso em 03/09/2017.

ZIN, Walter A.; ROCCO, Patrícia R. M.; FAFPE, Debora S. Volumes e Capacidades Pulmonares. In: AIRES, Margarida de Mello; CASTRUCCI, Ana Maria de Lauro... [et al.]. **Fisiologia**. 3^o ed. - Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008, p. 616-622.

APÊNDICE A – Declaração de Aula Ministrada



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL



DECLARAÇÃO

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 201_.

Declaramos para fins curriculares que _____ ministrou aula na disciplina de **Laboratório de Terapia Ocupacional “A” (FMM112)** no curso de graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cumprindo carga horária de 4 horas no dia __ de _____ de 201_.

O tema proposto _____ compõe os conteúdos da disciplina.

Lisete Ribeiro Vaz

Coordenadora da disciplina Laboratório “A” de Terapia Ocupacional
Faculdade de Medicina
Universidade Federal do Rio de Janeiro

[...]

Coordenadora do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional
Faculdade de Medicina
Universidade Federal do Rio de Janeiro

APÊNDICE B – Autorização para menores de 18 anos

A

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL

Eu, _____, RG: _____

Responsável pelo aluno _____

RG: _____, autorizo o mesmo a estar indo no dia 06 de maio de 2016 no horário de manhã, ao Museu Histórico Nacional do Rio de Janeiro para a exposição Diálogos no Escuro.

Assinatura do responsável

APÊNDICE C – Lista de presença padronizada



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL
DISCIPLINA LABORATÓRIO A



LISTA DE PRESENÇA – DATA: _____ / _____ / _____

1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.
11.
12.
13.
14.
15.
16.
17.
18.
19.
20.
21.
22.
23.
24.
25.
26.
27.
28.
29.
30.
31.
32.
33.
34.

APÊNDICE D – Avaliação “não formal” da disciplina



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL
DISCIPLINA LABORATÓRIO A



AVALIAÇÃO “NÃO FORMAL” DA DISCIPLINA

1. Onde tivemos aula?
2. Quais atividades realizamos?
3. De quais atividades gostei e de quais não gostei?
4. Que outras atividades gostaria de ter feito?
5. Para que fim, utilizamos as atividades de Laboratório A?
6. O que aprendi?

ANEXO A – Relatório de Monitoria

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Pró-Reitoria de Graduação

RELATÓRIO DE ATIVIDADES MONITOR BOLSISTA - APOIO PEDAGÓGICO 2016

Este relatório deverá ser enviado ao final do período letivo (Art. 17, Res. CEG n. 04/04)

– PREENCHIMENTO EM LETRA DE FORMA –

UNIDADE – MONITORIA (local onde exerceu): _____

NOME DO BOLSISTA: _____

DRE: _____ (Atenção: este número é composto por 9 dígitos e o erro impede o cadastramento da monitoria no histórico)

ANO / PERÍODO: () 2016/1 () 2016/2

UNIDADE DE ORIGEM DO BOLSISTA (curso): _____

PROFESSOR RESPONSÁVEL PELA DISCIPLINA: _____
(nome por extenso – legível)

I – AVALIAÇÃO DO PROFESSOR RESPONSÁVEL

Disciplina: _____ Código*: _____

(Atenção: *O código de disciplina é composto por 3 letras e 3 números ou 4 letras e 2 números e o erro impede o cadastramento da monitoria no histórico)

Desempenho: MUITO BOM BOM REGULAR INSATISFATÓRIO

O monitor desenvolveu outras atividades, além das previstas em edital? Não Sim

Descrição: _____



1. Avaliação da Experiência com o Monitor

– Aspectos Positivos:

– Aspectos Negativos:

– Sugestões para a melhoria do Programa:

– Outras considerações:

**II – AVALIAÇÃO DO PROGRAMA PELO MONITOR****1. Atividades Desenvolvidas**

2. Avaliação da Experiência Adquirida:

– Aspectos Positivos:

– Aspectos Negativos:

– Sugestões para a melhoria do Programa:

– Outras considerações:

**III – Conceito Final** (atribuído pelo Professor Responsável pela Disciplina)

A B C D

Assinatura do Monitor

Assinatura do Professor Responsável

Assinatura do Coordenador de Ensino da Unidade

Espaço Reservado à Pró-Reitoria de Graduação

Data do Recebimento: _____ Visto: _____

Parecer da Comissão de Monitoria: _____

Assinatura da Comissão: _____

Data do cadastro no histórico: _____

Assinatura do Responsável pelo cadastro

02	04/11	<p>Eixo Temático II – Experimentação: GUSTATIVA e Eixo temático III- Atividade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Lanche coletivo: Preparação, organização, elementos humanos, materiais para composição e consumo. - Aula teórica sobre a experimentação gustativa. - <i>Preparação próxima aula:</i> Visita ao MAR (Museu de Arte do Rio); envio do texto de referência. 	<p>BARBOSA, A. M. T. B. <i>A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos.</i> 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. pp.105-127.</p>
03	11/11	<p>Eixo Temático II – Experimentação VISUAL e Eixo temático III- Atividade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Visita ao MAR (Museu de Arte do Rio). Exposição: “Tarsila e Mulheres Modernas no Rio”. - <i>Preparação próxima aula:</i> Envio do ED1 (Texto: Imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos) para ser impresso; material para desenho. 	
04	18/11	<p>Eixo temático III- Atividade e Eixo temático IV-Avaliação.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Diálogo sobre a experiência da visita ao MAR (Museu de Arte do Rio). - Entrega do ED1 (Texto Imagem no ensino da arte- Ana Mae). - Atividade desenho. - <i>Preparação próxima aula:</i> Experimentação sensorial: Tato (alunos deverão trazer algo que lhes remeta à experimentação do Tato); material: argila, saco plástico e jornal. 	
05	25/11	<p>Eixo Temático II – Experimentação: TATO e Eixo temático III- Atividade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Atividade com argila. - Aula dialogada. - <i>Preparação próxima aula:</i> Convidados para aula de experimentação auditiva. 	
06	02/12	<p>Eixo Temático II – Experimentação: AUDITIVA.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Convidadas Marcela Merk e Pollyanna ferrari. - Diálogo sobre a experimentação. - <i>Preparação próxima aula:</i> Material para experimentação olfativa. Produção de sachês. 	
07	09/12	<p>Eixo Temático II – Experimentação: OLFATIVA e Eixo temático III- Atividade.</p> <ul style="list-style-type: none"> - Experimentação olfativa. - Preparação de sachês. - Avaliação “não formal” da disciplina - <i>Preparação próxima aula:</i> Convidada para aula de experimentação corporal 	<p>LIBERMAN, F. Delicadas Coreografias: Apontamentos sobre o corpo e procedimentos em uma terapia ocupacional. Cad. de terapia ocupacional da UFSCAR, São Carlos, jan-abr. 2010, v.18, n.1, p. 67-76.</p>
08	16/12	<p>Eixo Temático II – Experimentação: CORPORAL</p> <ul style="list-style-type: none"> - Convidada T.O Maria Regina (INC- Instituto nacional de Cardiologia) - <i>preparação próxima aula:</i> Seminário dos sentidos (construção em aula). 	
21/12 à 03/01/2016		Recesso fim de Ano	

09	06/01/16	Eixo Temático II – Experimentação e Eixo temático IV- Avaliação: Seminário dos sentidos (construção em aula) - Experimentação Visual e corporal - Seminário dos sentidos: divisão em 3 grupos (olfativo, gustativo e tátil) - <i>Preparação próxima aula:</i> Participação no III Seminário Interno de terapia Ocupacional	
10	13/01	Eixo temático III- Atividade - Participação no III Seminário Interno de Terapia Ocupacional. - <i>Preparação próxima aula:</i> Envio do Texto de Referência e do Quadro das profissões	CAVALCANTI, A. & GALVÃO, C. <i>Terapia Ocupacional: fundamentação e prática.</i> Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.
20/01		Feriado	
11	27/01	Eixo temático III- Atividade. - Desenvolvimento do Quadro das Profissões: Objeto, Objetivo, Metodologia, Recursos Terapêuticos. - Avaliação docente. - <i>Preparação próxima aula:</i> Contratação do Horário com início 08:00 hs e término 13:00 hs; devolutiva das notas; envio do Convite do Coletivo carnavalesco “Tá pirando, pirado, pirou”, maleta do T.O	
12	03/02	Eixo Temático I – Estrutura: Fechamento da Disciplina; Eixo temático III- Atividade e Eixo temático IV-Avaliação. (início 08: 00hs e término 13:00 hs) - Maleta do T.O - Devolutiva das notas (em grupo) - Graus e Frequências: individualmente. - Relatório Monitoria.	

Eixo temático I - Estrutura	2 aulas
Eixo temático II - Experimentação	7 aulas
Eixo temático III - Atividade	8 aulas
Eixo temático IV – Avaliação	3 aulas 1 ED1 (Texto Ana Mae); 1 Relatório de visita (MAR) 1 Seminário: Experimentação Sensorial. 4 Maleta Cada uma dessas avaliações vale 10 (dez) pontos. ED1 + RL + S + M = 40/4

16.1 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS BÁSICA:

ALMEIDA, M. V. M. *A Selvagem dança do corpo*. Rio de Janeiro: Editora CRV, 2011.

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da arte*. Porto Alegre: Perspectiva/Fundação Iochpe, 1991.

CAVALVANTE, A. E GALVÃO C. *Terapia ocupacional Fundamentação e Prática*. Rio de Janeiro. Guanabara Koogan, 2007.

LIMA, E. M. F. A. *A análise de atividade e a construção do olhar do terapeuta ocupacional*. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. V. 15, p. 42-48, maio/ago., 2004.

16.2 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS COMPLEMENTAR:

BATTISTI, M. C. G. *Fábulas e fobias: uma viagem à senso percepção pela Terapia Ocupacional*. São Paulo: Musa, 2003.

LIBERMAN, F. *Delicadas Coreografias: Apontamentos sobre o corpo e procedimentos em uma terapia ocupacional*. Caderno de terapia ocupacional da UFSCAR, São Carlos, jan-abr. 2010, v.18, n.1, p. 67-76.

LIMA, E. A. *Arte, clínica e loucura: território em mutação*. São Paulo: Summus: FAPESP, 2009.

NEISTADT, M. E.; CREPEAU, E. B. *Willard e Spackman's Terapia ocupacional*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

OLIVEIRA, J. & GRACEZ, L. *Explicando a arte: uma iniciação para entender e apreciar as artes visuais*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

ANEXO C – Avaliação da disciplina e avaliação docente



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
FACULDADE DE MEDICINA
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL
CURSO DE GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL



AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA E AVALIAÇÃO DOCENTE

01 – DISCIPLINA:
02 – PROFESSOR (ES):
03 – DATA:
A - Concordo plenamente B - Concordo parcialmente (houve mais pontos positivos do que negativo) C - Discordo parcialmente (houve mais pontos negativos do que positivos) D – Discordo plenamente

PARTE A - AVALIAÇÃO DOCENTE				
1) Foi assíduo ao ministrar as aulas	A	B	C	D
2) Demonstrou domínio do assunto	A	B	C	D
3) Revelou clareza e objetividade na exposição	A	B	C	D
4) Organizou a disciplina adequadamente	A	B	C	D
5) Estimulou a discussão em aula e/ou participação dos alunos	A	B	C	D
6) Houve bom relacionamento professor/aluno	A	B	C	D
7) Apresentou o plano da aula no início da disciplina	A	B	C	D
8) A forma de avaliação dos alunos pelo professor foi adequada	A	B	C	D
9) Os métodos didáticos foram adequados para a disciplina	A	B	C	D

PARTE B – AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA				
1) A disciplina alcançou os objetivos iniciais	A	B	C	D
2) O conteúdo da disciplina foi adequado a formação do T.O.	A	B	C	D
3) A disciplina apresentou ritmo satisfatório	A	B	C	D
4) A disciplina correspondeu ao seu interesse e expectativa	A	B	C	D

PARTE C - AUTO-AVALIAÇÃO DO ESTUDANTE				
1) Foi assíduo e pontual nas aulas	A	B	C	D
2) Demonstrou interesse e procurou se dedicar à disciplina	A	B	C	D
3) Manteve bom relacionamento com o professor e os outros alunos	A	B	C	D

PARTE D – VOCÊ GOSTARIA DE FAZER SUGESTÕES OU CRÍTICAS? QUAIS?

NOME DO ALUNO (OPCIONAL): _____